













Ronald de Carvalho

Caderno  
*de*  
Imagens  
*da*  
Europa

Companhia Editora Nacional  
1935

№ 01465 ❁



**CADERNO**  
**DE**  
**IMAGENS DA EUROPA**

**Do mesmo autor:**

**Publicado pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

# **ITINERARIO**

**RONALD DE CARVALHO**

**CADERNO**

**DE**

**IMAGENS DA EUROPA**

**1 9 3 5**

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

**Rua dos Gusmões, 24-A a 30 — São Paulo**



|  |     |
|--|-----|
| Decadencia da machina. Resurreição do homem  | 7   |
| A classe de 1930 contra André Gide   | 29  |
| Pluviose ou Thermidor  | 35  |
| A juventude franceza e a escola communista   | 40  |
| A offensiva contra Briand  | 46  |
| A Liga das Nações e a ballada de Villou  | 50  |
| O sr. André Thérive não é polido   | 54  |
| O cinema e o livre espirito nas colonias   | 59  |
| Os Estados Unidos da França, Allemanha, Belgica<br>e Austria, ou a União Russo-Germanica | 65  |
| O Mexico, o "Journal des Debats" e os paizes da<br>America Latina.                       | 74  |
| O "Bibliobus"  | 81  |
| As negociações franco-sovieticas   | 85  |
| A reacção, em França, contra as vaccinas preven-<br>tivas                                | 90  |
| Reflexões sobre a doença do Imperio Britannico   | 97  |
| O marinheiro britannico e a greve da Home Fleet  | 105 |
| Lord d'Abernon.  | 110 |
| A Allemanha e o seu Navio Fantasma   | 114 |
| Hitler e o novo mappa da França  | 120 |
| O s. o. s. do Reich e a Europa ansiosa   | 126 |
| A correspondencia secreta de Bulow e Guilherme II  | 132 |
| O archiduque sinistro  | 138 |

|  |     |
|--|-----|
| A ronda de Staline   | 144 |
| A fome da abundancia, molestia do mundo                      | 149 |
| A technica administrativa e o Estado Moderno                 | 154 |
| O plano quinquennal. Os soviets na engranagem<br>capitalista | 158 |
| O congresso da população em Roma e o futuro<br>da Europa     | 163 |
| O materialismo economico contra a civilização                | 164 |
| A crise economica e o desaparecimento do<br>Anschluss.       | 173 |
| A racionalização, o syndicalismo e o individuo               | 178 |
| O super-capitalismo bolchevista.                             | 184 |

# **Decadencia da machina.**

## **Resurreição do homem**

### **I**

“**N**'insultons pas les morts” Foi assim que Pierre Bost concluiu o seu depoimento, no inquerito recente, que Robert Brasillach abriu e dirigiu, pelas columnas do *Candide*. Antes de iniciarmos uma analyse rapida da nova expressão do pensamento francez, que surge com Marcel Arland, Jean Marence, Daniel Rops, Jean Guéhenno, Emmanuel Berl, Pierre Bost, Aron, A. Dandieu, Malraux e Brasillach, parece-nos conveniente nomear alguns dos “mortos” celebres, que os jovens escriptores não querem “insultar” Os grandes cadaveres da literatura de após-guerra são os senhores Paul Morand, Jean Cocteau, Joseph Delteil, Blaise Cendrars, Breton, os dadaistas, os supra-realistas e todos os “fiseurs d'anges”, fabricantes de larvas,

embryões e homunculos allucinados, do typo de "Thomas l'Imposteur"

Os accusadores da geração de 1920, que produziu a chamada escola da "Nouvelle Revue Française", caracterizada pelo inflaccionismo literario e pela industria da publicidade, esqueceram, entretanto, nas peças do seu ruidoso processo, de pesquisar alguns elementos essenciaes que esclarecem o problema, na sua estructura propriamente metaphysica e transcendente. Com excepção de Jean Maxence, em **Positions**, de Aron e Dandieu, em **Décadence de la Nation Française**, e de algumas observações agudas de Emmanuel Berl, em **Mort de la Pensée Bourgeoise**, os julgadores do litigio deixaram-se impressionar mais pelos phenomenos do que pelas causas. Até o sr. Marcel Arland, tão admiravel na sua clara razão e tão fino em sua sensibilidade, não escapa ao reproche de haver limitado o seu exame ao quadro exterior da questão, sem embargo, naturalmente, dos valores de equilibrio que o seu espirito introduziu no debate.

Para mim, o homem do após-guerra, seja elle Morand ou Cocteau, distingue-se pelo hor-



ror aos ideaes de unidade ou construcção. O filho da trincheira é um sêr em desagregação permanente. O espectáculo da hecatombe desmoraliza o sentimento da morte, como factor individual, como aspiração á eternidade. O espectador da hecatombe perde o respeito ao homem, como alma livre e, ao mesmo tempo, élo indivisivel que nos prende ao Creador. Apossa-se delle uma angustia irremediavel: a angustia do ephemero. O rythmo da materia domina-lhe a intelligencia. O contacto com o primado da força transforma-o num puro instinctivo. A idéa de continuidade, geradora do aperfeiçoamento moral, a noção de profundez, que é o dom singular da creatura, em summa, os fermentos mais activos da communhão humana desaparecem do campo de sua consciencia.

Em logar do homem, do semelhante que se prolonga em nós por um sem numero de rai- zes e affinidades, reponta o automato cruel, que a disciplina converte num residuo, num corpo dominado pelas reacções nervosas e musculares. Todos os sentidos desse corpo se reduzem, afinal, a uma concentração attenta dos

ouvidos e dos olhos. E' um instrumento sujeito ás vibrações de um diapasão de signos sonoros e luminosos. Sua vida ajusta-se á cadencia intermittente de apitos e clarões. A technica do machinismo acaba por deformar a sua volição. Seus membros adherem ao volume mecanico. O fusil completa-lhe o braço. A mão articula-se á bomba. O rosto applica-se á mascara. O filho da trincheira é um enxerto de carne e metaes. Sua finalidade, em synthese, é a da propria machina: o movimento. Sua defesa está na agilidade, no reflexo prompto. O rendimento de sua actividade depende, directamente, da rapidez, do desdobraimento dos gestos automaticos.

Eis ahi porque a psychologia da esthetica cerebral, do cyclo 1920-1930, depara uma constante indisfarçavel: a absorpção do homem pela machina. O filho da trincheira tem uma intimidade "natural" com a forma mecanica. Por isso, elle não adora a machina, a exemplo dos futuristas declamadores, que a consideravam exteriormente, e de longe, como simples substancia lyrica. Deante das *Locomotivas*, de Bloch, da *Pacific*, de Honnegger, do dynamis-

mo de Léger ou da imagetica vertiginosa dos aviões, de Cocteau, os manifestos de Marinetti, Boccioni e Carrá têm a significação historica das imagens d'Epinal. São lampadas a alcool, queimando a sua chamma pallida, dentro da claridade estridente de serpentinas de gaz Néon.

E aqui está, justamente, o vacuo modernista. O futurismo, sob varios aspectos, foi uma consequencia do experimentalismo positivista do seculo XIX. Dess'arte, exaltou a machina, como a conquista da intelligencia sobre a materia. A machina era uma esperanza, o annuncio de um destino. Comte, Renan e Berthelot são os precusores de Marinetti.

O filho da trincheira, que viu morrer o mytho nietzscheano do heroe individual, no sacrificio quotidiano do heroismo obscuro, adaptou-se á imagem da machina. Fez, insensivelmente, della, um fim. Integrou-se na sua lei. Afastou-se da sua realidade humana. Dispersou-se em categorias sensoriaes. Não negou o passado, como os futuristas, que o conheciam. Desprezou o passado, porque o ignorava. Sua inserção aspera no actual, no con-

tingente, foi tão decisiva, que o espanto não permittiu o soffrimento, essa dôr de todo o sêr, que é a medida do universal.

A machina imprimiu á literatura modernista uma dimensão de superficie: a velocidade. Esse divisor commum determinou o apparecimento de uma esthetica puramente espacial. O furor de evasão, que, em Alain Fournier ou em Jacques Rivière, teria um grave accento pascaliano, porque seria uma fuga para os abysmos do proprio sêr, e, em Proust ou em Gide, uma inquietude temporal, incitou a geração de 1920 para grandes e successivos deslocamentos no espaço.

Nasceu, assim, uma literatura de dois planos, dominada pelo imperativo dos paralelos e dos meridianos. Todos querem repetir o desespero de Rimbaud. Todos se alimentam, mais ou menos, de "nourritures terrestres." A inquietação de profundidade foi substituida pela inquietação da distancia. Esta ultima especie de inquietação é uma replica sem nobreza da primeira. Uma e outra se repellem. Sua coexistencia é rarissima. São Thomaz, por exemplo, é talvez o mais alto padrão da pri-

meira fôrma. Nessa categoria estão Aristoteles, Dante, Santo Agostinho, o Pascal de Pensées.

A inquietação da distancia, que impelliu o sr. Morand ao desespero do “Rien que la Terre”, é uma desagregação da personalidade. Ao revés de gravitar para o humano, e libertar-se do “ephemero”, o **inquieto espacial** sofre a contingencia da materia. Seu espirito fragmenta-se no jogo das apparencias. E a obra que produz, exactamente como a da machina, pode ser **perfeita**, na sua limitação, mas traz a marca de um organismo sem totalidade, incapaz de refugir ao seu irremediavel particularismo.

**Moravagino, Lewis e Iréne, Thomaz l'Imposteur**, a **Jeanne d'Arc**, de Delteil, as aparições dos supra-realistas são desenhos topicos, sem substancia moral, são campeões do goso physico, movem-se num espaço fluido de aquario. A invenção, em toda essa literatura, é curta, resume-se em pequenas surpresas de superficie, em imagens que tangenciam o grande oceano do real, com a instantanea fulguração do peixe voador. A magia de toda essa crea-

ção falhada está na palavra, no texto gazoso e inconsistente. Compare-se, por exemplo, a esses jogos literários, a magia espiritual do *Grand Maulnes*, de Fournier, e ter-se-á a imediata diferencial.

O desprezo pelo humano, doença peculiar ao “filho da trincheira”, é a característica da geração de 1920. Como na lição cubista, em sua obra as criaturas se dissolvem num divertimento de côres e volumes plasticos. O quadro absorve o homem. Ao contrario dos primitivos, nutridos na riquissima placenta medieval, esses “primarios” desconfiam da intelligencia e, pelo horror á construcção, imposta pela ordem sobrenatural, decompõem a materia phenomenal, indefinidamente. As raizes do “primitivismo” deformador mergulham no inconsciente, elevado ao mais alto potencial creador. No romance ou no poema do após-guerra, o homem passa a elemento decorativo. As cousas estão no primeiro plano, a natureza-morta predomina. Os valores humanos fazem longinqua a perspectiva.

A fallencia dessa esthetica de desespero, que perdeu a noção fundamental da unidade

do ser, e substituiu a alegria essencial da **acquiescencia in se ipso** pela *somma* crescente das velocidades, pelo primado da força, pelo movimento muscular, pela monotonia das superficies espaciaes, é um indice do renascimento da Europa, desenganada, afinal, do **gigantismo** norte-americano. Seu organismo readapta-se ás condições **naturaes** de desenvolvimento. A decadencia da *machina* é a resurreição do homem.

## II

No “Le Citoyen contre les Pouvoirs” o subtilissimo Alain, desde 1925, articulou uma definição da *philosophia* machinista, que seria, talvez, o fundamento do retorno ao humanismo essencial, cuja preocupação norteia o espirito de liberdade no mundo contemporaneo. Todas as theorias de Waldo Frank, no “Novo Descobrimento da America”, deparam um desdobramento, entumescido, por vezes, de prophecias lyricas, um desenvolvimento impetuoso e colorido da reflexão linear do mestre francez. Alain accentuou, em um dos seus

“Propos”, que a machina despertara o appetite do poder, sem ser capaz de sacial-o. “Cherchons le rendement, non la puissance”, aconselhava elle. A machina “restitue, apenas, o trabalho humano” Retirando um apologo do arco de Ulysses, elle concluiu que, nessa arma, não havia uma virtude particular, inherente ao engenho. O arco retribuia o movimento do archeiro. “C’est la force d’Ulysses qui lance la fléche”

Applicando esse theorema a qualquer machinismo moderno, a turbina, o fuzil ou o dynamo, observaremos a sua confirmação. A machina é uma **somma de esforços**. Os élos de uma engrenagem se prolongam numa série indefinida de **actos**, desde o do mineiro, que arrancou da jazida a materia prima, até o do operario, que dirige o instrumento fabricado por uma legião de mecanicos. Dahi, a conclusão de Alain: “la machine ne restitue jamais que le travail musculaire, sans y rien ajouter” Dahi, tambem, uma outra conclusão susceptivel de esclarecer um dos aspectos dramaticos da civilização, no seculo XX: o culto da velocidade é uma resultante do delirio crescente



de compensar o esforço do *homo faber* pelo rendimento, cada vez mais acelerado, da coisa fabricada.

Nesse pareo tragico, entre o humano e o mecanico, que gerou a “racionalização”, o “padrónismo”, as seriações do estatismo marxista, o ser perdeu a sua finalidade natural. Seu destino inscreve-se no artificio de uma ficha. Seu objectivo é o maior rendimento, no menor tempo. O homem não *dura*, não persiste em si mesmo, mas repete a lição do mecanismo: move-se no espaço.

No centro mais agudo e sensível desse dilemma, a geração de 1930 tomou uma posição salvadora: a procura do humano. Veremos, adeante, em *synthese*, o que affirmam os soldados da cruzada contra a machina, como expressão total e absorvente de uma civilização que se dissolve.

### O Depoimento de Marcel Arland

Marcel Arland, o autor de “L’Ordre” e dos recentes “Essais Critiques”, ultrapassou apenas os trinta annos. E’ um dos chefes mais

autorizados da reacção contra o artificialismo do após-guerra. Seu rebate, em 1923, "Sobre um novo mal do seculo", publicado na "Nouvelle Revue Française", é uma data definitiva na literatura européa. Arland realizou varias experiencias. Seu contacto com os dadaistas e os suprrealistas lhe confere titulos de real conhecimento da época e das suas insufficiencias. Elle viu os "primarios" em acção. E pôde distinguir, no crystal das retortas, os homunculos anorchidos. Sua analyse da "falsa inquietação" é um indice.

"E' profundamente triste considerar o que os exploradores fizeram da palavra "inquietação" Trata-se de um vocabulo simples, real, que não é mais ridiculo do que tranquillidade, amor ou sympathia. E eu não posso mais ouvi-lo, sem ter vontade de ranger os dentes. Abusou-se dessa pobre "inquietação" extraordinariamente, collocando-a em logares insuspeitaveis. Vale accentuar, entretanto, a sua razão de ser. Antes de ser um thema literario, ella foi uma realidade.

"Deve-se perdoar, comtudo, a esses inquietos profissionaes. Quando um jovem che-

ga a Paris e quer escrever, procura saber, desde logo, de que lado sopra o vento. Vendo todos “inquietos” ao seu redor, exclama: Sejamos inquietos. E escrevia, tão bem como qualquer outro, seu pequeno romance autobiográfico, situado nos confins do sonho e da loucura”

Arland sorri dos “industriaes mais ou menos habeis”, como o sr. Morand, que elle nem cita, e o sr. Delteil, que lhe parece um fantasma, “dont plus personne exactement ne parle aujourd’hui” Gide o desaponta. Mas pondera: “Gide foi a nossa libertação” Drieu de La Rochelle, que “tanto promettera”, está acabado. Mauriac e Montherland “resistem” Resumindo, afinal, as suas declarações sobre a literatura do após-guerra, cujo gosto do desequilíbrio elle reprova, com dura malicia, afirma:

“O após-guerra foi o desequilíbrio, a principio real, lastimavel, depois explorado. Tudo isso acabou, e eu espero uma volta ao equilibrio. Mas o equilibrio póde ser attingido facilmente? De nada estamos seguros, a esse res-

peito. Resta-nos aguardal-o e trabalhar por elle, tanto quanto nos fôr possível”

### O Depoimento de Jean Maxence

Jean Maxence tem menos de 25 annos. E' uma grande consciencia christã. Seu livro “Positions” colloca-o entre os mais fortes espiritos especulativos da sua época. Sua analyse do “Valor da Inquietação”, do anarchismo bergsoniano e da “Necessidade de um Dogmatismo” descobre um novo ardor thomista. Maxence quer construir no real. Por isso, combate violentamente a mystica natural das philosophias orientaes, o idealismo espectacular de Keyserling, o sensorialismo de Benda, o ontologismo spinozista, o creacionismo permanente da “Evolução” bergsonista. A necessidade do “conhecimento” impelle-o á critica impiedosa do dualismo protestante, que separa a consciencia da Creação. O appello de Luthero — “Deixa a vida ser terra e a doutrina céu”, afigura-se-lhe, com razão, um incitamento a “todas as covardias espirituaes”

A tragedia da esthetica do após-guerra está, segundo elle, no “desconhecimento” do sêr e do seu destino. “A ignorancia attrae a inquietação e o erro attrae a saciedade. O conhecimento commanda a vida. “Licencier le problême”, (como recommenda Paul Valery, “Variété”, pag. 120) é loucura, pois equivale a crer que podemos escapar á unidade interior do homem, mais forte do que todos os systems, e que sempre se vinga! Kant arrasta Gide, e Gide arrasta André Breton; e este inspira o suicidio de Jacques Vaché. Não é uma legenda grega, mas a historia contemporanea, sellada com sangue. O nihilismo leva á inquietação, ao desespero e até á morte”

Maxence percebeu, admiravelmente, que a esthetica do desespero era uma contradicção da intelligencia e a sua dilaceração no plano do inconsciente. “L’intelligence résout tout en l’Être et tout être crée se résout en une pensée de l’Absolu” A lição thomista deu-lhe a chave do problema contemporaneo, dominado pelo “relativismo das formulas mecanicas”

“Não se póde negar, escreve elle, que alguma coisa acabou. Estabeleceu-se uma ru-

ptura. Aquillo que parecia representar doze annos de nossa vida, mergulha na historia. Cocteau, Morand, Drieu parecem-nos, hoje, sombras de 1890. Os unicos veteranos que nos interessam, agora, são os raros que escaparam á atmospherá da guerra: Arland, por exemplo, e, sob certos aspectos, Malraux.

“Póde-se, portanto, julgar sem paixão esse periodo extincto. Ha um perfeito accordo, nesse particular, entre espiritos tão diversos como os de Jean Guehenno, Henri Massis, Marcel Arland, Benjamin Cremieux. O que caracteriza essa época desapparecida é o gesto. E' um periodo de attitudes. Gesto dado, gesto supprerealista, gesto da introspecção, gesto néothomista, eis o balanço. Porque é mistér considerar o que o famoso espirito de “inquietude” continha, em verdade, de snobismo.

“A attitude, a “muflerie”, é o character essencial do após-guerra. Mauriac chamou, uma vez, a geração do após-guerra, “*la génération du mufle*”. A “muflerie” não é a violencia: Bernanos é violento, mas não é “mufle” Cocteau é doce e, quasi sempre, é “mufle” E' uma affirmação cynica de si mesmo, em pre-

juízo de todas as finalidades. Foi o cynismo aggressivo, é preciso não dissimular, que levou muitos jovens a tomar Gide por mestre. Muito mais do que a inquietação! Faz-se necessario que tudo isso finde. O publico começa, aliás, a verificar que se divertiram á sua custa, e se manifesta do modo mais simples, não comprando mais livros. Fala-se da crise do livro? Mas tanto melhor! E' um beneficio essa crise do livro! Não se escreve para vender livros, como se venderia macarrão, com os mesmos processos de lançamento, os mesmos cartazes, os mesmos desenhistas. e os mesmos consumidores"!

Jean Maxence defende o espirito de construcção, a meditação, a cultura, a technica interior, a intelligencia, na obra de arte. A confusão é infecunda. A creação é uma architectura. A indecisão, o estado fluido e amorpho secretam apenas imagens elementares e inorganicas.

E' preciso não mentir a si mesmo. Ha, entre nós, certo numero de jovens, que são "falsos jovens" Ainda ha quem procure retirar velhos barcos do fundo d'agua. Quando leio,

n'alguma revista de vanguarda, que se pretende realista: "é necessario, antes do mais, fazer taboa rasa", — sacudo os hombros. Quando se diz que estamos ante um mundo demolido, sem o soccorro de uma cultura e de uma tradição, não, não e não! São carapetões de após-guerra. Nascemos de uma certa raça e de um certo paiz: nossas experiencias são o proseguimento de experiencias anteriores. Não devemos romper as cadeias de fidelidade. Queremos e devemos reencontrar nossa alma profunda. Nenhuma revolução espiritual terá efficacia, se não accetar por divisa a palavra de Psychari: tomar o partido de seus paes, contra seu pae. Quer dizer que é preciso attingir a mais authentica tradição, restaurar os valores spirituaes que o mundo moderno ataca e envilece, a cada instante. Alguns nos falam, ainda, do primado economico e da organização do grupo moderno. Mas é necessario, antes, entender-se sobre o homem, para depois entender-se sobre o Estado. Ora, se a organização muda, o homem muda muito? Devemos, em primeiro lugar, encontrar, de novo, a physionomia do homem eterno"



## Outros Depoimentos

Marcel Arland e Jean Maxence situaram o problema nos seus limites primordiais. Mas, ha outras vozes, que merecem atençaõ. Jean Paulhan, por exemplo, não acredita no significado do após-guerra. A geração de 1920 desenvolveu, simplesmente, algumas proposições que, em 1913, já estavam em Proust, em Gide, em Claudel, em Max Jacob.

Pierre Bost, que procurou julgar, no seu romance "Le Scandale", o ambiente nascido da trincheira, contorna a questão, e exclama: Para que desenterrar os cadaveres? "N'insultons pas les morts" Bost reconhece, na geração de 1920, um valor de experiencia que inspira o respeito piedoso.

Daniel-Rops proclama: "Os unicos valores perduraveis são os produzidos antes da guerra. Depois, não ha quasi nada" Guehenno boceja, quando lhe falam da "inquietação" Emmanuel Berl considera as diferentes formas de renovação e de libertação, entre as quaes o dadaismo, o supra-realismo freudista,

como frutos da “confusão da idéa de romantismo com a idéa de revolução” Devemos favorecer, “nas actuaes condições deploraveis do mundo moderno”, o apparecimento de “individuos sufficientemente fortes para agir e para pensar” Malraux, por seu lado, reproduz, nos “Conquérants”, aquella ansia de heroismo inconformista, que levou Psichari ás florestas da Africa, a uma disciplina de acção, ao dom gratuito de si mesmo.

André Berge, critico da revista “Nôtre Temps”, que agrupa escriptores, entre vinte e vinte e cinco annos, attribue a decadencia do espirito humanista, em França, e no resto do mundo, ao “primado da technica” Desde antes da guerra, “já era facil verificar que, nos lyceus, os alumnos das classes scientificas se haviam multiplicado, em opposição aos das classes de letras, em numero cada vez menor. As grandes escolas do Estado, machinas de fabricar engenheiros, constituíam, desde então, o objectivo mais alto de todas as familias burguezas” A “escolha da carreira” transformava-se, dess’arte, numa imposição dos proprios quadros organicos das sociedades. O fim

do desenvolvimento espiritual não era a formação de um character, de um cidadão, capaz de servir o Estado, mas se concentrava nas vantagens praticas e immediatas da profissão. Referindo-se ao recente manifesto, “pela liberdade do Sêr”, assignado pelos srs. Felipe Lamour, Joe Bousquet e Carlo Suares, conclue, em summa, André Berge: “Uma necessidade constructiva faz-se, geralmente, sentir nas novas gerações”

O sr. Robert Brasillach, finalmente, procedendo a um balanço geral dos valores do após-guerra, chega ao seguinte resultado: “O que nos parece evidente é que, durante doze annos, muitos escriptores manifestaram o proposito de “fugir ao homem” Elles fugiram, na viagem, com o sr. Morand, nos bares e nas farras, com os supra-realistas, nos “cabarets” com o sr. Cocteau, na droga, com o sr. Drieu de La Rochelle, ou, então, seguiram o sr. Benda, no paiz da abstracção, onde os “clercs ne trahissent pas” As tentativas mais commoventes de hoje, mesmo falseadas, mesmo desviadas, fazem-se para encontrar o homem. En-

constrando-se o homem, achar-se-á, sempre, aquillo que o ultrapassa”

Ha, em face de todo esse inquerito, um phenomeno impressionante: a geração do após-guerra está morrendo sem reagir. A unica flécha foi a do sr. Delteil, nas “Nouvelles Littéraires” Mas perdeu-se no ar, por falta de alvo. O sr. Delteil, como o inglez da sua “Jeanne D’Arc”, supprimiu os endereços, com receio, talvez, de “queimar algum santo”

## **A classe de 1930 contra André Gide**

**A** juventude moderna revela, na Europa latina, uma impaciencia muito maior que a da geração romantica. Chateaubriand não desprezava Rousseau. E Musset cantou Byron: “*Lorsque le grand Byron allait quitter Ravenne...*” Os jovens de hoje têm os cotovellos inquietos. E gostam de usal-os frequentemente, mal despem as faixas da adolescencia. Antigamente, no remoto seculo que findou em 1914, com a fuga de Hohenzollern e os vestidos entravados, com os automoveis que imitavam os fiacres e os fiacres do conde de Montesquieu, o passado apresentava a imagem de um solido bloco resistente, no qual os espiritos biqueiros costumavam escolher a fresta de algum intersticio menos escondido, para, pouco e pouco, destruir um pedaço de argamassa e abrir uma janella. A realeza

de Victor Hugo, que durou cincoenta annos, não duraria, agora, uma década. Os Bainville do tempo da Exposição Colonial e dos Auburn de 90 cavallos não diriam, nas suas balladas, que “le grand-père est l’âbas dans l’île” Acabou-se a éra patriarchal dos avós literarios. Não só as edições se esgotam depressa. Os nomes, tambem.

Nada mais significativo, a esse respeito, do que uma visita ás grandes livrarias de Paris. Antes da guerra, as salas de recepção dos livreiros do Boulevard estavam cheias de uma antiga sociedade polida e illustre, vestida de pergaminhos, velludos e couros raros. Ás vezes, o capricho do arrumador se divertia até em reunir, numa intimidade de fantasmas espantados, o frondeur Cardeal de Retz e o legitimista Saint-Simon, Voltaire e Chapelain, o *Lutrin*, de Boileau, e os *Contos*, de Perrault. E, sem malicia nem odio, a vizinhança era tranquilla entre os *Sermões*, de Bossuet, e as *Historietas*, de Tallemant de Réaux. Os usos da antiga França mantinham-se intactos. Como em Versalhes ou no Palais Royal, ces messieurs de la cour sorriam e apertavam-se as

mãos, ciosos de tradições de inimizade, datando das Cruzadas. Os espadins dos tataranetos fremiam nas bainhas de seda, orgulhosos dos golpes trocados pelos espadagões dos tataravós, em São João d’Acre ou em Jerusalém.

Mas onde se metteu, hoje, toda essa bôa companhia? As salas de visitas são para outros convidados. Onde estão os irmãos Goncourt, e Mr. Renan e Mr. Michelet, tão amigo de compridas conversas fiadas, e Mr. Victor Cousin, que fazia tão bonitos discursos, e Mr. Taine, com a sua tão *sympathica myopia*, e Mr. Thiers, que poderia construir com os seus livros, pesados e compactos como tijolos, uma casa para o Consulado e o Imperio? Onde está aquelle Mr. Gerôme Coignard, que se regalava com os frangos assados do pequeno Jacques Vira-Espeto, e sabia misturar, com suprema elegancia, todos os subtis logares communs da perversidade?

**“Mais où sont les neiges d’antan?”**

Restam, em verdade, alguns teimosos, que insistem em conservar as suas rabonas e os seus colletes coloridos, os seus punhos de renda e os seus sapatos com fivelas de pechisbe-

que entre as lãs e as flanelas esportivas do sr. Valéry Larbaud, do sr. Paul Morand, do sr. Abel Bonnard. O velho Rabelais ainda faz o espanto, em torno da sua eternidade. Pascal, Montaigne e Molière se mantêm de pé. Mas as Eumenides da Comédie Française estão fazendo Racine ficar melancólico e enjoado da gloria. E messire La Fontaine boceja de tédio deante dos **Docteurs-és-lettres** e dos professores communistas da Escola Unica. A exemplo do displicente **Farinata**, no **Inferno**, Balzac, já na penumbra dos eruditos, contempla, sem disfarçar a inveja, os milhões do sr. Pierre Benoit, da Academia Franceza.

A geração de 1914, ou melhor, os seus remanescentes, os sobejos da guerra, despediram Anatole France com todos os seus adherentes e toda a sua collecção de bonecos sabios. Os elephantes parnasianos, por um processo trazido da Africa pelo sr. Blaise Cendrars, depois de reduzidos a mumias de alguns centímetros, foram collocados nas vitrinas seculo XVIII do senhor Henri de Regnier.

A geração 1914, faminta de **nourritures terrestres**, quiz a disciplina do sr. André Gide.



Mas a geração de 1930 já está á porta, reclamando passagem. E o sr. André Gide começa a pagar o privilegio de se encontrar justamente na entrada. Sua famosa theoria da **inquietação**, que se espraiou até aos mais longinquos rincões dos barbaros, é um cartaz a pique de ser rasgado. **Nous ne sommes pas inquiets**, gritam, da rua, os recém-chegados. O classicismo do sr. André Gide é apparencia pura, illusão de letrado pedante. Sua **inquieta** pòde exercer influencia sobre uma geração ennojada ante o spectaculo de corrupção e de mediocridade, offerecido pelos que representavam oficialmente a ordem estabelecida.

“Sua verdadeira **physionomia**, proclama, na **Pensée Nationale**, o sr. Gérin-Ricard, chefe de uma legião que apparece, — sua **physionomia**, onde repontam os traços de Lutherero, Rousseau e Dostoiewski, surgiu desde logo, mostrando tudo quanto havia de imitação servil e de conformismo na sua prédica de diletante e de artista. Sua obra desaponta pela ausencia de originalidade, pela falta, justamente, daquella **novidade** que a juventude, a principio, ia buscar nella. Essa obra repelle

a propria essencia do genio francez. Nós não acreditamos mais no sr. André Gide”

Longe de mim, (já irremediavel passadista do tempo do cubismo, de Marie Laurencin, de Léger e de Cocteau) longe de mim aceitar essa triste sentença da geração de 1930. A theoria da inquietação, dos **Pretextes**, que provocou o livro saboroso de Daniel Rops, nunca me seduziu pela novidade. O modesto **frisson nouveau**, de Sainte Beuve, a proposito de Baudelaire, continha já toda a sua substancia metaphysica. Mas ha, em Gide, um lyrismo, talvez judeu, (por isso mesmo refractario á razão franceza) que me parece um dom de eternidade. Esse lyrismo é a força humana que permanecerá, na obra de André Gide, máo grado o seu protestantismo e a sua paixão geometrica.

Entretanto, assalta-me, em face de tudo isso, uma reflexão angustiosa. Onde está a nossa geração de 1930? Não seria preferivel que a nossa fé literaria fosse menos inabalavel e menos fetichista? Na França, já se não acredita em André Gide. No Brasil, ainda morremos pelos **Direitos do Homem** e pelas redondilhas de Sá de Miranda.

## Pluviose ou Thermidor

**T**oda a França é um jardim sob a chuva. Nos Vosges cáe neve. O Mosa carrega, entre as pesadas barcaças, atulhadas de tulipas flamengas, uma paina ligeira de gelo. As cathedraes da Ilha-de-França enfiam torres, agulhas e pinaculos numa gaze frouxa de brumas. Os lagares da Turena, do Poitú, da Auvernha, do Berry e do Anjú aguardam a “puré de septembre”, sem o sorriso do céu de Rabelais.

Sobre a uva da Champanha o orvalho nocturno borda rendas de cristal. As pegas, os melros e os pardaes seguem as andorinhas e vão, em villegiatura, pendurar os ninhos em Marselha, em Nimes e Montpellier. As perdi- zes tiritam de frio, na Provença e no Languedoc. As lebres ficam nas tocas e os homens em casa, ao pé das lareiras accesas.

Estamos em pleno verão. Mas, se os revolucionarios ressuscitassem, que nome poriam a este molhado estio? Thermidor ou Pluiose? Paris é todo um som melancolico d'agua. Agua que escorre do espaço em cordas grossas, que jorra das bocarras das gargulas, salta das calhas sobre as calçadas, em redemoinhos espumosos, empapa e corrompe o verde-cinza das folhagens, embacia os ardentes vitraes do velho tempo e espevita um lume de indizível rai-va no olho vivo das meninas de França.

No castello da condessa de C. T., amiga de Proust, e um pouco Madame de Guermantes, pela maternal indulgencia com que recebe os seus hospedes, pela subtileza com que fixa, de modo distraido, o character de uma raça no retrato de um embaixador, todos os convidados estão a postos, para uma partida de caça.

Quem nunca viu, em dia assim, um desses taciturnos solares de Oise, não poderá jámais comprehender a finura do instincto aristocratico da "ancienne France" O castello não é grande, no sentido moderno dessa expressão architectonica. E' um pavilhão de caça, construido no seculo XV, e ligeiramente retocado

pela fantasia rocalhesca de um duque, celebre na chronica amorosa da Regencia. Mas as volutas e os anjinhos, da época da princeza de Polignac, as “bergéres” para as silenciosas intimidades, as mesas de pés caprinos, os paineis de curvas lascivas e torturadas, com medallhões de Lancret, não conseguem, apesar dos seus chromatismos de ouro, azul e carmezim, predominar sobre os couros sombrios e a carrencuda toreutica dos Henriques, de Francisco I e de Luiz XIII.

Madame de C. T. ainda se encontra nos seus aposentos, na ala esquerda do “seu manoir” A sala em que estamos, com as suas altas janellas de pesadas grades, dá sobre o largo pateo quadrangular. Emquanto gentishomens e diplomatas se extasiam diante de algumas preciosidades, — um retrato de antepassado, feito por Felipe de Champagne, uma pequena estante com um livro de horas de Margarida de Navarra, uma tapeçaria imensa, de Tournai, representando a cerimonia da coroação de um rei de França — eu me extasio com os meus parceiros.

Madame de Guermantes, na irremediável ausência do seu caro Swann, continua a colleccionar exemplares humanos. A sua maravilhosa sala, onde Lauzun flirtou Mademoiselle de Montpensier, depara, nesse momento, a macula de uma assembléa internacional do século XX. O simile de um Congresso de Vienna seria demasiado literario e, sobretudo, artificial, embora a moldura pedisse o modelo. Os austeros appellidos eram, alli, raros e de raro quilate. Mas não chegariam, "hélas", para compor o quadro de 1815, que foi a ultima reunião da nobreza diplomatica, e onde se poderia fazer, pela concorrência dos braços armilares, um curso completo de nobiliarchia européa. Para despertar-me desse nevoeiro de lembranças, estavam presentes dois hispano-americanos, com as suas agrestes exclamações, e um nippon, grã-cruz da legião de honra, que olhava desdenhoso um fino punhal, de cabo marchetado, incapaz de realizar um honrado "harakiri"

No pateo, os palafreneiros seguravam os cavallos nervosos. Sobre o aço oleoso das espingardas, escorria o miudo chovisco matinal.

Quando a castellã, com os seus milagrosos cinquenta annos juvenis, entrou na sala, meu coração tropical batia apressado. Será que a vida reproduz, por inexplicavel capricho, certas gravuras de novella romantica? Um vinho do Porto, bem secco, e o soar das trompas, carregaram-me, de subito, para as doçuras do “bon vieux temps” Minha imaginação, de repente, supprimira o radio, o avião e o arranha-céo. Senti-me, nesse instante, uma categoria pura do espaço. O tempo desaparecera. Iriamos encontrar, porventura, na volta do caminho, o chapéo de velludo de Richelieu?

## **A juventude franceza e a escola communista**

**T**odos se recordam da phrase famosa que, depois de 1870, atravessou as fronteiras da Allemanha e irradiou pelo mundo: quem venceu a guerra franco-prussiana foi o mestre-escola. Todo o esforço do velho Moltke, toda a manha artilosa de Bismarck seriam de pouco effeito, se, nas pequenas aldeias do Rheno, da Baviera e da Pomerania, não houvesse um collegio publico e, nesse collegio, um professor de patriotismo.

Pois bem, o observador da sociedade actual, que intentar o exame sereno da inquietação moderna, da tortura e do desespero do homem contemporaneo, com as suas lutas de governos e de classes, a sua irremediavel fome de ouro e de prazer, irá encontrar, sem duvida, no mecanismo da escola, a causa profunda, a causa principal do perverso amoralismo



dos nossos dias. A democracia, filha da Revolução, pupilla preferida do falso prejuizo do seculo XVIII, criou e alimentou o peor dos monstros: a escola sem Deus. Proveio desta o liberalismo pacifista e humanitario que, para libertar a intelligencia do pesadelo divino, inventou o culto da sciencia, a oração do racionalismo secco e impiedoso, erigiu altares á machina e substituiu as leis da consciencia pelo primado das forças economicas. O postulado pragmatista foi, dess'arte, a cupula dessa triste metaphysica de exasperado agnosticismo. Deus existe, disse William James, porque é util.

Equiparando a idéa de Deus a um simples valor, o pragmatismo reduziu a mais alta categoria do absoluto a um puro conceito de relatividade. A idéa de Deus, base e substracto da civilização christã, transformou-se, pois, num objecto de troca, numa utilidade. Perdeu o seu character de qualidade, para converter-se em méra quantidade, sujeita ás variações dos titulos da Bolsa. E, como era natural, a sua cotação, desde um seculo, tem baixado a niveis cada vez mais infimos. Dos republicanos radi-

caes aos sociaes-democratas e aos marxistas da Russia, a idéa de Deus passou por todas as formulas da tolerancia, do scepticismo, da indifferença até chegar ás do repudio total e massiço.

A França, já experimentada por tantas décadas de laicismo delirante, principia a sofrer, agora, justamente no instante em que mais necessitaria de ordem e de disciplina consciente, os resultados espantosos das suas escolas sem Deus. Contam os jornaes conservadores de Paris, tão culpados aliás, como demonstrou Georges Bernanos em “La Grande Peur des Bien-Pensants”, da intoxicação scientificista, que, em varios collegios francezes, a educação deixou de ser apenas “uma educação”, para ser uma “educação communista”

Os professores do Hérault, por exemplo, inventaram, “ad usum delphini”, uma nova arithmetica, digna de ser considerada como um curso de introduccão á sociologia moderna. “Pretendendo — affirma o “Boletim da Federação dos Syndicatos Unitarios do Ensino” — accentuar a desigualdade social”, os mestres do Hérault introduziram novos methods,

quanto aos problemas de arithmetica. Segundo elles, “taes exercicios são facilmente comprehendidos, estão no alcance das creanças e põem em evidencia — com o necessario cuidado de quem se dirige a jovens cerebros — a maior parte dos problemas da vida”

Eis aqui alguns enunciados dessa nova e curiosa “arithmetica social”:

“Um proprietario perdeu 24.000 francos na roleta do Kursaal de Séte, durante as suas férias annuaes. Sabendo-se que esse proprietario paga cinco operarios trabalhando, aproximadamente, 250 dias por anno, á razão de 24 francos por dia, a quanto poderia elevar-se o preço do dia do operario com essa renda assim malbaratada?”

“Um proprietario vende a sua colheita de 1.500 hectolitros de vinho a 180 francos o hectolitro. Elle emprega seis operarios ganhando, cada qual, 6.500 francos por anno. A forragem dos cavallos custa 12.000 francos, a aquisição de estrume, sulfato, enxofre, as despesas de impostos e de outra qualquer natureza elevam-se a 20.000 francos, e o trabalho das vindimas a 10.000 francos. Pergunta-se:

1.º) o lucro annual desse burguez sobre o suor dos seus operarios; 2.º) o numero de filhos de proletarios que poderiam — com esse lucro — ser enviados a uma colonia de férias, sabendo-se que a despeza, com cada um, sóbe a 500 francos”

“Ha sete directores de grandes ferrovias, cujos emolumentos attingem, “per capita”, 500.000 francos por anno e 1.100 directores altamente collocados que recebem, cada qual, 100.000 francos. Sabendo-se que existem 20.000 operarios que começam a trabalhar com o ordenado de 8.000 francos, pergunta-se qual seria o seu salario inicial se fossem supprimidos todos aquelles parasitas”

Se os professores communistas conhecessem melhor a tragedia provocada, na Russia, pelo plano Quinquennal, ou se quizessem aproveitar todas as faces dos dados com que jogam, poderiam propôr aos discipulos alguns problemas tambem muito interessantes. Por exemplo, o seguinte:

“Cada soldado do exercito vermelho, para garantir as especulações de Staline, os prazeres do G.P.U. e a insidiosa propaganda con-

tra a cultura occidental, ganha tres mil rublos por mez. Sabendo-se que o exercito bolchevista conta um milhão e meio de soldados, e que ha, na Russia, cento e vinte milhões de operarios e camponezes, recebendo dez rublos por mez, pergunta-se quantos rublos seriam necessarios para libertar o proletariado sovietico da fome e da escravidão”

A mathematica tambem conhece a honradez. A arithmetica tem a sua moral.

## **A** offensiva contra Briand

**Q**uando se observa a rapidez com que os homens publicos se gastam, na Europa, não se póde esconder um fino e penetrante sentimento de melancolia. Hontem, foi Lloyd George, na Inglaterra, e foram Trotsky, na Russia; Rathenau, na Allemanha; Nitti, na Italia; Primo de Rivera, na Hespanha... Hontem, foi o velho Clemenceau, na França, apesar das suas garras de tigre, afiadas em tantos combates, daquellas suas garras escondidas nas famosas luvas cinzentas, que eram o terror dos gabinetes ministeriaes.

Em nossa America, os “teams” politicos são mais constantes nas lutas do primeiro plano. As reservas são pouco numerosas. No Brasil, pelo menos, antes da Revolução, era mistér envelhecer nas archibancadas para, afinal, entrar no jogo. O aprendizado theori-

co da platéa prolongava-se, por vezes demasiadamente. E o resultado era, naturalmente, pessimo para os negocios do Estado.

Difficultava-se, dess'arte, a formação de um escól, onde se pudesse encontrar, com facilidade, um contingente de homens capazes de dirigir e orientar o paiz. Os quadros estreitos da clientella politica não permittiam a organização dos partidos, a batalha das idéas, o desenvolvimento dos programmas, livres de influencias interesseiras. O poder confiava-se, por dezenas de annos, a um reduzido nucleo de individuos que, ao cabo de algum tempo, se convertiam em capatazes truculentos. Os exemplos, entre nós, e no resto da America hespanhola, são bastante vivos para merecerem particular referencia.

Na Europa, entretanto, principalmente depois da guerra, o phenomeno politico é bem diverso. A riqueza dos paizes do velho mundo reside, justamente, nas numerosas elites que, a cada momento, se renovam no governo, facilitando os debates parlamentares, mercê das interpellações na tribuna das camaras, e das

polemicas largas e violentas, na imprensa partidaria.

Na França, na Allemanha, na Grã-Bretanha a popularidade não exclue a critica apaixonada. A popularidade, mesmo quando conquistada por serviços extraordinarios, não é escudo sufficiente para evitar os golpes da fortuna politica. Os chefes de maior prestigio têm que dar contas dos seus actos e, não raro, perdem o mandato supremo, para entrarem novamente nas fileiras humildes da obediencia e da disciplina.

Briand, neste momento, experimenta os efeitos produzidos pelo exercicio de um longo mandato, sobre a opinião fatigada de o vêr na direcção dos negocios estrangeiros. A proposta Hoover foi a gota que fez extravasar o copo cheio das aguas tumultuosas da paridade naval franco-italiana, do plano Young e do accôrdo austro-allemao. De todos os lados se levantam, contra o Quai D'Orsay, vozes de protesto e de revolta. Coty, no "Figaro", Maurras, na "Action Française", Franklin Bouillon e dezenas de outros, na Camara e no Senado, despejam todas as armas dos seus arse-



naes contra o subtil chancellor de França. E, cousa mais séria, a grande maioria do povo francez murmura contra o velho ministro.

Briand é um finissimo equilibrista. Mas, em verdade, faz-se necessario accentuar que o seu jogo já está visto e revisto. Deante das difficuldades crescentes que assoberbam os francezes, mesmo se de condição média, não póde prevêr até onde chegará o desespero da situação actual. A vida, hoje, em Paris e nas grandes cidades da França, attinge preços cada vez mais excessivos. E, ao revés de outr'ora, não é sómente o estrangeiro que paga, para custear, em alta percentagem, a subsistencia dos pequenos burguezes e proletarios. E' tambem o nacional, agora mais do que nunca, em virtude do exodo dos turistas, forçados a permanecerem nos seus paizes, mercê da crise universal.

Briand venceu, nas justas parlamentares. Mas os tempos se escurecem. O fio em que elle se equilibra, dentro das nuvens grossas da tempestade, já quasi não se enxerga mais. Briand terá, porventura, o privilegio de atravessar a zona escura da tormenta sem cair?...

## **A Liga das Nações e a ballada de Villon...**

**A** Liga das Nações, que Deus haja, nasceu como aquellas princezas de olhos azues, cabellos de ouro e dentes de perolas dos contos de Perrault. Ao redor do seu berço, embalado pela onda tranquilla do Lemano, sob o docel das montanhas cobertas de pinhaes e das geleiras irisadas pelo sol puro dos Alpes, reuniram-se todas as fadas amaveis da esperanza. A esperanza da paz, com o seu ramo de oliveira, a esperanza da fortuna, com a sua cornucopia de inesgotaveis thesouros, a esperanza do trabalho fecundo, com o seu caduceu e os seus pesinhos aligeros, em summa, todas as deusas da promessa acorreram sollicitas, para dansar uma ronda primaveril em torno dessa pulcra “Belle aux bois dormant. ”

Mas, como sempre, surgiu a fada má. A que não fôra convidada para o festim do ba-

ptisado. E a fada má lançou, no meio do brodio, o seu sinistro sortilegio. Para que a princezinha gentil crescesse e falasse, para que ella se libertasse das faixas que lhe prendiam o corpo gentil num rôlo de gases fôfas, seria mistér que um Príncipe louro lhe quebrasse o encanto e destruísse o amavio fatal.

E a princezinha ficou esperando o seu Príncipe Providencial. De todas as terras chegaram magos. Alguns vieram da Africa, depois de percorrerem leguas de areas brilhantes no dorso de camelos pacientes. Outros surgiram dos confins salgados da Australia, com os ouvidos ainda resoantes dos temporaes marinhos, as pupilas prenhes dos scenarios de ilhas paradisiacas. Outros repontaram das praias e das florestas equatoriaes, com esmeraldas nos dedos e grossos argolões de metal precioso nos pulsos e nas orelhas. Outros desceram das cordilheiras, espantando o sonho de incas e aymaras embriagados de coca. Outros sahiram do topo de arranha-ceos babylonicos. Outros de palacios goticos, de torres bysantinas, de castellos roqueiros. Uns atravessaram oceanos. Outros, vergeis. Outros, florestas.

Outros, pomares. Outros, estepas. E, cada qual, com as suas multiplas e differentes artes, procurou quebrar o mysterio de um somno profundo, de um irresistivel somno.

Mas a princezinha não acordou. O acalanto das aguas murmuradas de Genebra continuou a exercer a fascinação do seu filtro subtil. E os Reis começaram novas batalhas. O dinheiro, que attestava as arcas da paz, entrou a derrear-se, a insinuar-se, cada vez mais, pelos orçamentos bellicos. Os aeroplanos, de subito, perderam a plumagem dos pombos-correios para se converterem, no espaço carregado, em grandes aves de rapina. As bahias se encheram de canhões, convezes e cintas couraçadas. Os meandros submarinos viram enormes peixes de ferro circular, pesadamente, pelos bancos de coraes e madréporas multicores. As usinas principiaram a preparar, entre as capsulas e as empolas sedativas, todas as combinações de chimica mortifera. E o jogo desesperado das Bolsas e dos Bancos iniciou as suas terriveis operações de artificios e manhas universaes.

Deante das ameaças, sempre crescentes, os Principes se reuniram. E foram a Londres, a Paris, a Washington, a Roma e a Berlim, para vêr se encontravam a formula necessaria para conjurar os perigos. Mas a princezinha não acordou. E, no seu berço tepido, parece sorrir de beatitude, como quem espera a doce libertação da morte, como quem não deseja mais despertar. Ah! se a princezinha pudesse falar, certamente perguntaria aos seus namorados ruivos, louros, morenos e amarelos, recordando o tempo das promessas felizes, tal como Villon melancolico:

“Mais où sont les neiges d’antan? ”

Onde estão as fadas da esperança?

## **○ sr. André Thérive não é polido...**

## **○ sr. Francis de Croisset tem receio das febres do Brasil**

**○** sr. André Thérive é o critico literario de "Le Temps" Seu nome, que apparece, regularmente, no jornal de maior autoridade da França, é acatado, não só pelos milhões de leitores parisienses e da provincia, mas por toda a opinião conservadora dos circulos intellectuaes da Europa. O sr. Thérive é um az. Ahi, no Brasil, onde se cultiva um certo metequismo literario de côr franceza, não se desconhece porventura a fama e os livros desse escriptor illustre. Quanto poeta ou romancista nosso já roeu melancolicamente as unhas, pensando no golpe da fortuna que o revelasse, de subito, nalgum folhetim grave do "Le Temps", para o espanto malicioso dos "bien pensants" dessa numerosa cohorte de burguezes fidalgos, cujos commentarios descerram a porta da celebridade e cujo espirito primario provoca o

chuveiro de fléchas da ira de Georges Bernanos!

Pois, queridos patricios e confrades, os brasileiros não devemos esperar o elogio consagrador do mestre Thérive. Esse homem refinou aquelle sentimento de subtil desprezo, de infinita sufficiencia, que Chesterton vislumbrou no “charme” parisiense, em face do estrangeiro. Seguro da sua infinita superioridade, com a singularidade rara de algumas excepções, o francez não acredita na intelligencia alheia. Talvez seja uma idiosyncrasia. Mas é um facto, cuja observação quotidiana passou ao dominio do logar commum.

Basta consultar, para illustração do asserto, qualquer um desses compendios de lições de cousas, qualquer uma dessas pequenas encyclopedias escolares, de cultura franceza, para se concluir que o engenho francez descobriu tudo: a polvora, o vapor, a electricidade, a aviação e o Brasil. Pois o sr. Charles Richet, numa obra de vasta divulgação e de synthese erudita, não affirmou que os armadores da Bretanha tinham sido os precursores da éra dos descobrimentos, e se esqueceu de citar, en-

tre os pioneiros da aviação, o nome de Santos Dumont?

Já seria, entretanto, vantagem considerável o olvido absoluto do Brasil. Deveríamos, em certos casos, fazer a intensa propaganda systematica da inexistencia do nosso paiz. Possivelmente, assim, conservariamos um somno mais tranquillo, no canto de uma pagina em branco da historia universal.

Veza por outra, comtudo, os "azes" brilhantes condescendem em lembrar-se dos obscuros aprendizes. Como dispensariamos, de coração alegre, essa condescendencia! Ainda agora, na mesma semana, tivemos dois exemplos do perigo mortificante dessas lembranças. Deparou-se-nos em uma entrevista concedida, aqui, pelo sr. Francis de Croisset, quando estava com o pé a bordo, em viagem para o Brasil. Perguntou-lhe o reporter, á hora da partida, se elle pretendia trazer uma obra, de volta da excursão. E o dramaturgo, tantas vezes applaudido pelas platéas sem malicia do nosso "Municipal", redarguiu, sorrindo: "Não sei, meu amigo. Não sei se trarei um livro ou uma febre. " Fazemos votos sinceros para que o



sr. de Croisset não traga nem um livro. Em caso de duvida, estimariamos que um desses amaveis resfriamentos cariocas tirasse ao dramaturgo itinerante a vontade de escrever. Pelo menos, de escrever sobre nós.

O outro exemplo de perigosa condescendencia, que apontamos, offereceu-nos o sr. André Thérive, justamente no seu folhetim do "Le Temps" Occupando-se da "invasão negra", na França, accrescida, neste momento, pelas grandes levas de africanos que revôam, como mariposas tontas, ao redor dos holophotes e dos pharóes da "Exposição Colonial", o critico se arrepia de horror. Não nos cumpre discutir as preferencias de pelle ou de raça do sr. Thérive. Mas, sob o aspecto decorativo, garantimos-lhe que elle perdeu um bello espectáculo, nas grandes corridas de Longchamps. Elle poderia apreciar, ao lado de algumas condessas legitimistas, como estavam elegantes, com os seus tocados de plumas, os seus mantos bordados de pedrarias, e sorrindo nos seus dentes de marfim purissimo, os grandes chefes do imperio colonial de França.

E o Sr. Thérive poderia, se não soffresse a influencia exasperada do seu "aryanismo", recordar-se, tambem, antes de brandir a sua penna cheia de travor contra os filhos da noite immensa da Africa, dos sacrificios que esses negros tão repellentes fizeram, em beneficio da liberdade da França, durante quatro annos de guerra.

O sr. Thérive, nesse capitulo, encontraria muitas lembranças mais. Infelizmente, o notavel publicista não enveredou por esse caminho, e resolveu, de repente, lembrar-se do nosso paiz tão distante, escondido no perfume das suas florestas e das suas praias salgadas. Dess'arte, depois de varios commentarios, tresandando a Gobineau e a Lapourge, mestre Thérive fechou o seu artigo com esta prophecia terrivel: "se a França não reagir depressa contra a onda negra, que nos ameaça, ella se converterá num simples Brasil" Certamente, com essas disposições sympathicas, o sr. Thérive será, brevemente, candidato a uma viagem de recreio ao Rio de Janeiro. Afinal, eis ahí uma aventura que não é tão negra quanto parece.

## **O cinema e o livre espirito nas colonias...**

**N**unca se falou tanto, neste seculo, das colonias, dos imperios coloniaes, do renascimento das riquezas de Asia e de Africa viciosas, como neste momento. Parece que estamos ainda na éra do principe de Metternich, da Santa Alliança, do Congresso de Vienna e de Napoleão, conservado em banho Maria, nas panellas de Hudson Lowe. O espirito europeu, entretanto, não mudou a sua tactica tradicional, para conservar a posse do ouro africano e das especiarias asiaticas. Depois de cem annos de experiencia, os governantes do velho mundo não encontraram outras fórmulas, capazes de garantir a fruição das suas presas. Imitando as decisões dos antigos Conselhos ultramarinos e as carrancudas sentenças dos funcionarios de Portugal e Castella, os novos "colonialistas" procuram

resguardar os interesses de suas respectivas metropoles, pondo em pratica a sabedoria do avestruz. Escondem a cabeça tonta da Europa, num cômodo de areias fôfas, e deixam de fóra toda a plumagem dos seus desatinos coloridos.

Nos tempos d'El-Rey fidelissimo e de Sua Majestade Catholica, o inimigo a combater sem piedade era o espirito. Deante do livro, cerravam-se apavoradas as alfandegas, e os vigilantes dragões dos vice-reis conduziam, aos autos-da-fé, in-folios e volumes, como se levassem machinas infernaes e explosivos. Os condes de Bobadela temiam-se de Voltaire, como o sr. Hoover de um carregamento de whisky. A intelligencia dos "colonos" estava sujeita ao regimen da "lei secca" Adam Smith, Rousseau, Diderot equivaliam a marcas de vinho espumante. Eram toxicos da imaginação.

Esqueciam-se, porém, os fiscaes da Corôa e os zeladores dos thesouros bragantinos e burbonicos de completar com o exemplo as graves prédicas. Queimavam os textos perigosos, mas abriam banca de anarchistas no

meio da rua. Ouvidores, juizes, coroneis de milicias, fidalgotes de murchos pergaminhos e fidalgões de campanuda linhagem, ministros e secretarios, cobertos de velludo e rendas, não viviam consoante os sermões que prégavam ao populacho. “Fanfarrão Minezio” e sua Corte, que o nosso Claudio Manoel da Costa zurziu nas “Cartas Chilenas”, ensinavam aos mazombos as secretas mazellas dos empoados reinões. E, da outra banda maritima, com o seu tosão de ouro ao pescoço, os seus mantos de arminho e os seus escudos de quinas e castellos, D. João V empunhava o sceptro illustre, á guisa de batuta, para reger o lascivo concerto de toda uma sociedade solerte e devassa. A musica chegou até as praias e florestas americanas e teve, na colonia, os seus “virtuosi” elegantissimos. A dictadura pombalina tentou reagir contra os remanescentes da herança. Mas já era tarde. De D. José I a D. João VI, com a sua Carlota Joaquina e o seu opportunissimo e secretissimo Lobato, os “grandes” da Metropole inculcaram aos aprendizes da “colonia” uma philosophia que os mesmos livros, tão perseguidos, não continham.

Ora, meus senhores, a historia é mestra de repetições. De que se lembram, agora, os europeus, afim de remediar os effeitos da revolta latente nas suas propriedades senhoris da Africa e da Asia? De supprimir o cinema. E por que? Porque os “films” desmoralizam os brancos. Pintam-lhes os defeitos, a voracidade, o roubo, a concupiscencia, a volupia, a ingratição, o egoismo. Em face de um desses dramas, exportados de Hollywood, de Paris ou de Berlim, o “indigena” de pelle negra ou amarella começa a desconfiar da solidez moral dos seus amos. E julga, naturalmente, que a côr, por si mesma, não exclue o crime e a indisciplina. E conclue que “todos somos iguaes”

Um “especialista” no assumpto, o sr. Hesketh Bell, transmite-nos amargas reflexões, em artigo publicado na revista “Le Monde Nouveau” (Julho-Agosto de 1931), sob o titulo “A influencia nefasta do cinema sobre os povos primitivos” O sr. Hesketh Bell affirma que o nivel do respeito ao branco baixa desoladoramente nas colonias europeas e norte-americanas. “O velho dictado — “Familia-

rité engendre mépris” — applica-se, aqui, particularmente, e nada é mais certo do que o influxo primordial do cinema, entre as gentes de côr, sobre o desprestígio dos europeus. Até certa época, relativamente proxima, os asiaticos e africanos faziam idéa extremamente vaga da vida privada e da conducta dos europeus. Os indigenas, sobretudo nas regiões primitivas, julgavam os brancos de acôrdo com o modo de viver e obrar dos administradores, missionarios e outros europeus que se esforçavam por desenvolver-lhes as aptidões moraes e intellectuaes. Os homens brancos e, especialmente, as mulheres, gozavam de singular prestígio e consideração. Mas, de subito, sobrevem um facto novo e lastimavel. Essa gente simples e sem instrucção conhece o cinema. Deante dos seus olhos, desenrolam-se pinturas que mostram, sob todas as formas, os aspectos criminosos da vida dos brancos: crueldades, da mais variada especie, commettidas pelos europeus. Roubos, latrocinios, incendios, estupros, assassínios, violencias, etc.

“Eis como vivem os brancos! — observaram os indígenas — E são elles que, sob o pretexto de que nos são superiores, vêm perturbar e destruir todas as nossas tradições e os nossos costumes immemoriaes!”

O sr. Bell espanta-se das consequencias dessa propaganda. E clama que essa infiltração insidiosa deve cessar. Mas o sr. Bell estará seguro de que os criados malayos, congolezes ou chins só viram roubos, violencias e adulterios, commettidos pelos europeus, no cinema? Pois, então, desde o tempo de Marco Polo, os funcionarios brancos respeitaram sempre os nove mandamentos? Foi preciso que se inventassem as imagens animadas de um “écran” para que os asiaticos e os africanos desconfiassem da inteireza da nossa honradez? Mister Bell, os puritanos não descobrem mais nada.



# **Os Estados Unidos da França, Alemanha, Belgica e Austria, ou a União Russo-Germanica.**

## **O professor Bartholdy e os Tres Moscoteiros do Kremlin**

**Q**uando paira sobre os Estados forte ameaça de morte ou desagregação, as imaginações deliram e o medo gera planos e projectos de monstruosa fantasia. Durante o cerco de Paris, enquanto os millionarios comiam ratos, em porcellana de Limoges, e os pobres diabos trituravam bifés de sola de sapato, o espirito inventivo dos patriotas, empenhados em salvar o paiz das pesadas botas prussianas, não descansou. Cada dia publicavam os jornaes, entre os communicados melancolicos dos campos de batalha, descripções e "croquis" de machinas impressionantes, destinadas a limpar, de uma assentada, a mancha de Sedan ou a macula de Metz. Surgiram, pois, no improviso do desespero jacobino, instrumentos bellicos susceptiveis de contrariar

as leis irremediáveis da realidade. Um “concierge” pacato, com algumas grammas indigestas de couro velho no estomago, traçou um systema complicadissimo de tunneis e meandros subterraneos, que deveriam dilatar-se até ás posições occupadas pelo inimigo, e, que, depois de conveniente carregamento de explosivos, poderia arremessar aos ares, em alguns segundos, todos os granadeiros, uhlanos, coureiros e artilheiros dos exercitos de Moltke, sem esquecer o contrapezo de Reis, principes, duques e marechaes das legiões invasoras. Outro parisiense ideou uma formidavel catapultta, montada na direcção de Versalhes, capaz de lançar, sobre o “Grand Trianon”, um bloco de granito formidavel, cuja repentina queda determinaria o esmagamento triumphal dos Hohenzollern e do principe de Bismarck.

Sitiados pelos credores internacionaes, depois das suas generosas especulações com os bolchevistas, os allemães encontram-se ás portas da fallencia, arrepiados ante o banquete de camondongos trufados com que lhes acena o futuro proximo. A tortura de perder o sabor de um bom pote de cerveja e de um plan-

turoso “sandwich” de pão negro faz o germano tontear. A vertigem cria visões. E os fantasmas começam a rodar em torno dos habitantes do Reich.

A entrevista que o illustre professor Mendissohn-Bartholdy acaba de conceder ao correspondente do “Excelsior”, em Genebra, apresenta, com todo o respeito que devemos ao eminente delegado allemão á Sociedade das Nações, irrefutaveis semelhanças com os “planos” salvadores do inquieto “concierge” de 1871. “Herr Doctor” mostra-se desalentado. “A Allemanha vive no estupor e no mais triste desconsolo.” Para remediar o actual estado de cousas, na Europa, o sr. Bartholdy vislumbra as tres unicas soluções seguintes:

a) — A solução franco-germano-belgo-austriaca.

“A primeira solução consiste na união radical dos nossos dois paizes com a Belgica, de um lado, e a Austria, do outro: ou na forma-

ção de um novo Estado, sob o modelo da Republica helvetica. Os quatro paizes seriam, pois, quatro cantões. O bilinguismo seria obrigatorio. Na Allemanha, o francez seria a lingua subsidiaria. Na França, o allemão. Far-se-ia a unidade monetaria. Moeda common para o exterior, assegurando, assim, a estabilidade do commercio. O governo se organizaria nas bases do Conselho Federal. Suas funcções seriam estrictamente limitadas aos negocios estrangeiros, á defesa nacional e ao regimen aduaneiro. A administração interna caberia aos governos respectivos dos Estados componentes da Federação. O presidente dessa Confederação seria, alternativamente, de cada uma das quatro nacionalidades confederadas.”

#### b) — A Solução Germano-Russa.

Deante do movimento de estupor do jornalista francez, redarguiu o “Doctor”: “Será preferivel a outra solução, consistente numa liga economica germano-russa? Liga comple-

ta, quero dizer, elaboração commum de um plano quinquennal ou decennal com a Republica sovietica, e no qual — contribuindo a Allemanha, “grosso modo”, com a industria, e os russos, com as materias primas — varios problemas sociaes lograriam boa solução, a começar pelo da crise dos milhões de “sem trabalho”, existentes no Reich.”

No proposito de afastar qualquer reserva ou desconfiança, acerca das possibilidades de tal convenio, assegurou o sr. Bartholdy, com a sua innegavel autoridade politica:

“Já estamos, nesse particular, muito adeantados. Cada dia o Estado allemão progride no caminho do controle financeiro das industrias particulares, no Reich. Na situação de desespero moral, em que se acha o povo allemão, a perspectiva de produzir, de realizar grandes obras industriaes é, sem duvida, profundamente seductora. Espiritualmente, a fascinação do communismo russo ganha a juventude de todas as classes e nenhuma barreira moral séria opporiam os nossos compatriotas a essa Liga. Pois não fizeram os russos, nesses ultimos annos, appello, em condições “mui-

to douradas”, a alguns dos nossos maiores architectos e engenheiros, para executarem, na Republica dos Soviets, vastas construcções? Esses technicos voltaram da Russia satisfeitos. Pouco e pouco, as mentalidades se aproximam. E é de notar que numerosos dos nossos “chômeurs” se dirigem para a U. R. S. S., afim de obter logares que lhes não podemos offerecer. Refere o proverbio francez que “à l’Impossible nul n’est tenu” Não temos por esse projecto nenhuma preferencia particular, mas se fossemos obrigados a lançar mão d’elle — certamente por necessidade — os Estados Unidos, a Inglaterra, a Italia saberiam apreciar o plano, no seu justo valor. Necessitamos de soluções immediatas. Dentro de seis mezes, será tarde.”

### c) — A Solução Colonial.

“Receio muito que uma outra solução, da qual fui sempre adepto e que procurei defender, na America, seja agora de pratica difficil: a collaboração estreita da administração

européa na Africa Central. A idéa do mandato, suggerida pela delegação americana, em 1919, não encontrará completa applicação recompensadora, senão quando todas as colonias da Africa Central se reunirem aos territorios sob mandato, e forem dirigidas por uma administração composta pela Inglaterra, França, Belgica, Allemanha, Portugal e, talvez, outros paizes europeus, sob a tutella da Sociedade das Nações.

“Naturalmente se me perguntarem qual a solução preferivel, eu affirmarei que, no interesse da paz mundial e da segurança para todos, seria a da união pacifica entre a França e a Allemanha, união que poria os dois paizes no mesmo pé de egualdade: uma união pacifica, cuja estipulação principal estabeleceria a abolição de todos os segredos politicos entre Berlim e Paris, uma união pacifica que não se faria contra ninguem, mas que permitiria á Allemanha e á França contar uma paz completa nas suas relações internacionaes. Essa união facilitaria, tambem, um entendimento sobre o problema africano, tão necessario para a Europa e o resto do mundo”

As soluções do professor Bartholdy revelam a ideologia metaphysica de um cerebro de Heidelberg. Mas, sem offensa a "Herr Doctor", a sinceridade cabe na metaphysica. E o professor, que é um atilado sociologo, não foi sincero na sua conversa com o jornalista de Paris. Todas as suas soluções cifram-se, apenas, no effeito das ameaças da Liga Russo-Germanica. Mestre Bartholdy sabe, entretanto, melhor do que nós, a impossibilidade material dessa famigerada união, que a disciplina germanica repelle, como um corpo químico rejeita um composto heterodoxo. A Allemanha, em relação aos Soviets, apresenta duas faces. Uma externa, para o "francez ver", aberta num sorriso complacente e amavel. Outra, interna, que se traduz nas "mantanças e caçadas" aos communistas do Reich, dirigidas pelos nacionalistas de Hitler e dos Capacetes de Aço. O senso da hierarchia é, ainda "Deo gratia", o fundamento do Estado germanico. Essa historia das "juventudes allemãs" fascinadas pelo bolchevismo é um conto de cegonhas, para os meninos mal comportados de Strasburgo. O Reich conhece, de



sobra, as fraquezas do papão russo e a parolagem dos Tres Moscoteiros do Kremlin. Não é com esses façanhudos avalistas que os bancos de Berlim retirarão as moedas do pé de meia francez.

## **○ Mexico, o “Journal des Debats” e os paizes da America Latina**

**A** sociedade das Nações, “en mal d’argent” e por falta de boa companhia, na America, resolveu convidar, ainda uma vez, o Mexico para ingressar no seu doce e amavel seio de esperanças. Bom cavalheiro, sem suspicacia nem rancor, o Mexico accitou. Houve, naturalmente, grandes manifestações de contentamento á margem do Lemano. Os doutores angelicos daquella melancolica assembléa de promessas desaggravaram-se, no jubilo dos applausos e no calor das “boas-vindas”, ao novo socio, do mau humor do sr. Mattos, da Guatemala, que declarara, pouco antes, “não valer uma reunião do Instituto de Genebra o preço da passagem.” Não será excusado referir que a Republica de Guatemala iria ceder o seu logar, no Conselho, a outro comparsa modesto, sem o direito de permanencia, reservado

aos leões da Europa e Asia. O delicado cordeiro centro-americano vingava-se, dess'arte, por ter que se despojar do seductor enfeite de uma brilhante juba temporaria.

O Mexico recebeu, portanto, o beijo do filho prodigo que regressa ao aprisco. Rompeu-se a ala dos namorados, para que elle pudesse perfilar-se entre os paladinos da illustre Cavallaria, de que sir Eric Drumont é o Sancho Pancha honrado, vigilante e attento servidor. Todos bateram as palmas. Os olhos humedeceram-se de pura e transcendente alegria. Só o "Journal des Débats", mau grado a experiencia da sua vida secular, que lhe deveria imprimir um pico de tolerancia ao tempero dos commentarios, só o ancião "Journal des Débats" não gostou da festa. E reclamou em termos taes, que é mister reproduzil-os "ad littera", para se observar como um generoso paiz, orgulho da tradição humana do novo mundo, se arrisca, por vezes, á ira de qualquer "especialista financeiro" de um grave orgão da imprensa parisiense. Ora, pois, vejamos o que proferiu o "zangão":

“O Mexico — disse o escriba — teve honras as honras da segunda sessão da Sociedade das Nações; foi coberto de flores: a perfeição de sua cultura, a energia de sua raça foram invocadas para justificar sua entrada no seio da grande família, de onde fôra excluído, outr’ora, porque o governo que presidia os seus destinos desagradava aos Estados Unidos.

“Que a adesão do Mexico permitta á Sociedade das Nações perfazer a universalidade a que ella aspira, nada de melhor. Mas seria excessivo que as portas se abram ao Mexico, a titulo de recompensa”

“O Mexico faz parte da phalange de Estados que não respeitaram os seus compromissos. Elle renegou todas as transacções realizadas, acerca da sua divida exterior, entre seus successivos governos e o Comité internacional dos banqueiros. E’ esse o costume, no Mexico, onde, desde vinte annos, os accordos, logo depois de concluidos, são denunciados”

Proclamou ainda o “zangão” outras impertinencias. E rematou-as assim: “Parece que a Sociedade das Nações se olvidou dessas

contingencias (sic) quando elevou o Mexico a tão grandiosas alturas.” (“J. des Débats”, de 10 de setembro de 1931.)

O decano da imprensa de Paris, talvez atacado, como a generalidade dos velhos rabujentos, de algum mal secreto, julga pelos seus ardores e pelo prurido das suas coceiras a honra de todos os países latino-americanos. O Brasil e a Argentina, apesar do sr. Uriburu se haver apressado em declarar, “urbi et orbe”, quando se divulgou a resolução da nossa moratoria parcial, que Buenos Aires não suspenderia o serviço das suas dívidas externas, sofrem, continuamente, a repercussão dos achaques dos “Débats”. Se o ditador argentino pensou, com a sua inocente sangria, sustentar o crédito da America, perdeu a eloquência do seu latim e a vibração patriótica dos seus tropos castelhanos. Todos esses dias o sizado “decano” tem mostrado, nos seus quadros estatísticos, o plano inclinado em que rolam, na Bolsa de Londres, os títulos argentinos. E as suas conclusões revelam mais amargo sabor que o matte chimarrão do general platino.

Nossos paizes são considerados, na Europa inteira, por sua capacidade de pagamento. Pouco importa que os banqueiros inglezes ou francezes tenham realizado, no Rio, no Mexico ou em Buenos Aires, operações fabulosas, cujos lucros, mercê do jogo cambial, dobrem os capitaes emprestados. Pouco importa que tenhamos de comprar a 80, a libra que elles nos venderam a 40 mil rs., afim de cobrir os juros e amortizações dos nossos emprestimos. Elles querem o dinheiro, na hora exacta. Se, porventura, não dispomos, no momento, de numerario, somos “deshonestos”, “esbanjadores” e “incapazes”

Nossas revoluções provocadas muitas vezes pelas manobras da finança internacional, são permanente pretexto para companhas de ridiculo e zombaria. “Los pronunciamentos” servem, nos theatros e nas revistas jocosas, para o granizo das chufas e a saraivada dos remoques. A Europa civilizada fez a guerra, preparou a guerra, pacientemente, como verdadeira operação economica, politica e financeira. A Europa lançou o mundo no inferno de uma crise sem precedente na histo-

ria. A Europa, depois da guerra, com exceção da França, da Grã-Bretanha e de humildes reinos e republicas sem relevo, entrou em um periodo de francos “pronunciamentos”, de que o bolchevismo e o fascismo têm sido os modelos primordiaes.

Não temos, entretanto, o direito de procurar um remedio violento para os nossos males. Nossas revoluções indicam apenas, desordem, incultura, incapacidade, selvageria. Ainda se pagassemos as nossas dividas, essas traquinadas poderiam merecer castigo menor. Ainda se comprassemos os “stocks” da super-produção industrial europeá e norte americana, tudo se arranjaría em familia. Mas os parentes pobres não têm perdão, mesmo quando imitam os ricos, por força de necessidades.

O que o “Journal des Débats” disse do Mexico é significativo. Seus homens de pensamento, os monumentos da sua antiga cultura, seus anthropologos, seus poetas, seus moralistas, seus escriptores finissimos, dos quaes o meu querido embaixador Alfonso Reyes honra as tradições, no Rio de Ja-

neiro, os sofrimentos de sua raça, onde o heroísmo já não causa espanto, tudo isso nada representa. Nossos juizes são os defensores das moedas que os banqueiros nos emprestam, para renovar o milagre dos pães. Os lobos estão bebendo adeante de nós. Cabe-nos, porém, o privilegio de toldar-lhes a agua. A lição do fabulista não é apenas de proveito para as crianças. Os grandes Estados servem-se, ás vezes, da moral de La Fontaine.



## ❶ “Bibliobus”

**D**eante deste nome rebarbativo, o “Bibliobus”, perguntarão os leitores desavisados se se cogita de qualquer descoberta, numa das cavernas da Dordonha, de algum monstro contemporaneo do Dinosaurio, amigo de infolios ante-diluvianos, gravados em silex ou cozidos em barro. O monstro, que acabo de examinar, no palacio das Colonias, neste domingo azul do verão parisiense, tão frio como o nosso doce inverno do Flamengo ou de Copacabana, é apenas um automovel conductor de livros, um automovel-bibliotheca, destinado a percorrer as estradas de França e, sobretudo, os grandes e desolados caminhos das colonias africanas e asiaticas, em missão de catechese espiritual.

Impulsionado por um motor de dez cavallos, e podendo transportar oitocentos kilos,

ou cerca de 2.500 volumes, o “bibliobus” dispõe, nas faces externas, de prateleiras metálicas, onde os curiosos escolherão, como nas caixas dos “bouquinistes” do cães Voltaire, os seus auctores predilectos. Transporta o vehiculo, no interior, dez grandes malas de madeira, para renovação do stock, ou para distribuir, pelas escolas e circulos estudiosos, a titulo de emprestimo, differentes obras de humanidades e cultura geral. Na parte posterior articula-se uma pequena mesa, que permite ao bibliothecario inscrever os titulos dos volumes emprestados. Mas saberão, acaso, quem é o bibliothecario? Julgarão, porventura, que é qualquer desses “rapins” das galerias do Odeon ou dos cafés de Montparnasse ou da Place Clichy, nutridos de poesia e metaphysica, mas sem calorias sufficientes no estomago vasio? Pois, estão enganados. O bibliothecario é o chauffeur.

O engenho francez dá, assim, uma função inédita á machina, a essa machina tão calumniada pelos conservadores e tradicionalistas, que circulam pelo “Bois” nas suas voluptuosas Rolls, Delages e Hispanos, mas

fazem, por elegancia, o elogio da diligencia e dos teares romanticos de Ruskin.

Georges Duhammel estará, agora, menos inquieto? A sorte da civilização mecanicista parecer-lhe-á mais amavel? O francez, por via de regra, perdôa tudo, desde que lhe sirvam as coisas em boa syntaxe. Não é só o latim, tambem “le français brave l’honnêteté”

Ora, um mecanismo que não se limita a cortar fatias absurdamente iguaes de presunto ou de ananazes, ou estampar kilometros de tecidos para vestir, da mesma forma, dezenas de milhões de creaturas em Chicago, Tokio, Budapesth e Capetown, merece indulgencia. O “bibliobus” somma dois factores essenciaes daquillo que, no seculo XIX, se chamava o “progresso”, e nós modestamente denominamos o “conforto” da civilização occidental: a velocidade e o prazer do espirito.

Desse monstro mecanico saltarão, como das immensas tortas armoriadas dos festins medievaes, o Cid, a numerosa familia de pêlo e pennas e plumagens de La Fontaine, as fadas de Perrault, os arlequins e os pierrots de Ver-

laine, o fauno melancólico de Mallarmé, os cavalleiros da Tavola Redonda, Carlos Magno e D. Quixote...

Quem dirá que esse monstro é inimigo da boa syntaxe? Quem dirá que esse monstro é apenas um conglomerado de aços, borrachas, madeiras e oleos mal cheirosos? Quem negará que esse monstro guarda, no coração blindado, mas susceptível de abrir-se ao primeiro contacto, o maior thesouro do homem: a imaginação?

# **As negociações Franco-Sovieticas**

❶ francez mediano, sem possuir aquella finura imaginativa dos povos italicos, é talvez o exemplar humano que melhor se serve do instinto da vida, como fundamento do raciocinio.

Descartes é um modelo maravilhoso do espirito francez, é, por assim dizer, a sublimação desse espirito, que inventou a “petite epargne” de Mr. Durand e a “intelligencia domestica” da “ménagère campagnarde” Neste paiz ninguem se ri do logar commum, que tanto apavora os outros latinos, principalmente os da nossa America. E o logar commum, que é a sabedoria dos proverbios, revela-se a cada passo a verdadeira substancia da razão franceza.

Na civilização européa, a economia franceza representa um phenomeno singular. O

germano, o slavo, o anglo-saxão e o latino do Mediterraneo caracterizam-se pela indisciplina dos seus methodos de distribuição da riqueza. A Inglaterra, a Hespanha, a Austria, a Russia, a Allemanha e a Italia foram sempre Estados de castas superpostas. Sob muitos aspectos, o feudalismo prosegue naquelles paizes, no Lord inglez, no barão rural germanico, no hidalgo castelhan, no communista russo, disfarçados em banqueiros, industriaes e dictadores, socios de trusts formidaveis. Esses magnatas exploram o Estado e o dirigem, na realidade, mau grado o jogo dos Parlamantos e as engrenagens dos governos, porque enfeixam nas mãos a quasi totalidade da fortuna publica. Os povos são as suas mesnadas, illudidas pela complicada aparelhagem das leis democraticas ou socialistas.

A pequena propriedade salvou o francez dessa irremediavel sujeição. Ella é uma das instituições da antiga França. A pequena propriedade permittiu a formação da burguezia, das corporações fabris, agricolas e commerciaes, deu força á nobreza rural e articulou grandes familias aristocraticas, de onde sahi-

ram os Reis e as dynastias. Esse equilibrio social, que Richelieu procurou romper, em favor da Corôa, é o radical da communhão franceza. Para defendel-o, o francez immolou a realza de Luiz XVI e o Imperio napoleonico. Para assegurar-lhe a integridade, Paris ateou as revoluções de 1830, de 1848 e de 1871.

O individualismo francez é o producto de uma repartição homogenea da fortuna nacional, da repartição mais homogenea que se conhece na historia. E' justamente esse "instincto da vida" que mantem o francez vigilante em face dos soviets, como um espectador ironico e paciente deante de uma tragedia sem finalidade humana.

Os commentarios de toda a imprensa de França, a proposito do propalado accordo franco-sovietico, deparam uma agudeza de analyse dos factos historicos, profundamente superiores, na sua medida, ás explosões apaixonadas que repercutem nos jornaes de Londres, de Roma, de Berlim ou Nova York.

O francez vê, nas aperturas de Moscou, um pedido de soccorro que prenuncia a fallencia do socialismo exasperado. Com a subtileza

da sua observação, elle percebe que o systema de Staline, longe de ser avançado, é tão passadista e está, sem duvida, tão afastado da forma do futuro Estado, como as differentes panacéas do liberalismo democratico.

Staline carece de mecanismos e de technicos, para a sua experiencia de industrialização da Russia. Apesar do "Dumping", da servidão dos operarios e camponeses, feitorados pelo exercito vermelho, apesar do dia de 12 horas de trabalho, o bolchevismo não reduziu as suas dividas fabulosas. Não saneou a moeda russa. Não equilibrou a sua balança commercial, nem os seus orçamentos. Os "deficits" accumulam-se geometricamente. Emquanto o Reich conseguiu emprestar aos Soviets o dinheiro dos bancos inglezes, Staline pode proseguir na sua obra, com a teimosia que lhe é peculiar, com aquella obstinação de "mujick" taciturno, que tanto impressionou o sr. Malaparte.

Mas Londres comprehendeu os perigos da sua manobra financeira, consistente em collocar, na Allemanha, a 9 %, os capitaes tomados em França, a 4 1/2. E Berlim, ante a crise do



credito allemão, teve que desistir de remetter a Moscou esses mesmos capitaes, cedidos a juros de 12 e 15 %.

Staline volta-se, agora, para a França. Mas o "banqueiro da Europa" é solerte. E o "pequeno proprietario" da Gironda, da Turena, da Champanha e da Provença não parece disposto a sacrificar o seu copo de vinho, o seu queijo e o seu pedaço de pão ás ideologias de Moscou. Elle não consentirá que o seu pé de meia desapareça na bota do "mujick"

## **A reacção, em França, contra as vaccinas preventivas**

**U**ma das obras recentes que mais têm impressionado os meios scientificos de Paris é, sem duvida, o livro do famoso sábio senhor Léon Vannier, intitulado “La Doctrine de L’Homœopathie Française” (G. Dion & Cie., Paris, 1931). Esse grande medico impoz-se á admiração dos seus contemporaneos, incluindo até os professores da medicina official, que lhe não regateiam applausos, pela alta consciencia que elle tem do seu mistér. Seu nome cresceu e irradiou pela Europa, depois da epidemia de 1918. Nesse momento, dirigia o sr. Vannier o “Hospital Hahnemanniano”, de Paris, onde se recolheram milhares de enfermos. Pois bem, emquanto os indices de mortalidade, nas clinicas publicas e particulares, se elevavam a tragicos algarismos, o sr. Vannier podia affirmar, quando cessou a pan-

demia, “que não perdera um só doente de grippe.”

Sua concepção homœopathica das doenças basea-se na funcção da Dóse Infinitesimal e no seu mecanismo de acção. No futuro, diz elle, tudo se resolverá pela influencia das forças ondulatorias, cuja irradiação mais ou menos accusada, e dirigida com a technica dos rhythmos essenciaes, será susceptivel 'de curar o doente. “O remedio mediador entre a enfermidade e o enfermo será, apenas, um elemento de alta tensão virtualizada, e agirá como um catalysador, produzindo, de chofre, a transmutação necessaria, sem choque catastrophico, desde que seja elle convenientemente adaptado ao diapasão biologico do enfermo, no qual se poderá observar, então, mathematicamente, o rhythmo e a extensão do seu resultado”

A materia medicinal homœopathica nada tem de commum com a materia medicinal ensinada nas Escolas, onde os jovens se preparam para o exame de therapeutica. Estuda-se, então, penosamente, a acção physiologica de cada medicamento, sua dóse toxica e o mecanismo da morte do animal, cobaia ou coelho,

ao qual se faz absorver, por via digestiva ou por via venosa, uma dóse massiça do producto. Raramente se emprega uma substancia “natural”, mas quasi sempre um extracto de planta, alcaloide ou essencia, e mais frequentemente, ainda, um composto chimico artificialmente preparado e cuja “formula magica contem todas as virtudes dos componentes”

“Na sua pratica — refere o sr. Vannier — o medico moderno parece haver esquecido os elementos multiplos que apprehendeu para o exame de therapeutica. Elle conhecia, então, de cada substancia util a dóse toxica, que elle não deveria ultrapassar, sem risco mortal para o seu cliente. Elle poderia “prescrever” uma receita, “formular” um tratamento, quer dizer indicar as doses uteis e necessarias, que, logica e razoavelmente, julgava serem de proveito para o seu doente”

“Todos esses estudos, actualmente, se reduzem a nada. O medico moderno não formula mais. Contenta-se com recomendar, simplesmente, uma collecção de especialidades, que os felizes fabricantes impõem ao publico, por meio de solerte propaganda. To-

dos os dias surgem novos productos, cujos efeitos maravilhosos, intelligentemente apresentados, embora enthusiasmem os doentes, são recebidos com o mesmo scepticismo tranquillo pelo corpo medico. A “Moda”, em therapeutica, daria assumpto, em verdade, para uma deliciosa conferencia humoristica.”

As observações do grande Auclair, o genial preparador da vaccina bacillo-pancreatica, ajustam-se, nesse particular, aos conceitos do sr. Vannier. Para elle, os medicos modernos, em sua maioria, eram méros socios ingenuos da pharmacopéa industrial. Sem experiencia de laboratorio, desprovidos de cultura physico-chimica, destituídos de noções fundamentaes de mathematica elementar, elles perderam o conhecimento daquella “arte de formular” que era o brazão da verdadeira “arte de curar”, com perfeita razão dos methodos utilizados. O medico moderno “receita” de ouvido. Fia-se, naturalmente e sem malicia, nas bullas da medicina industrial. A’s mais das vezes, ignora completamente a propriedade dos corpos que entram na composição dos comprimidos, das capsulas, dos xaropes que

fazem os seus doentes ingerir. Os medicos modernos "receitam no escuro"

Vale a pena mencionar, aqui, o tristissimo caso occorrido, ainda este anno, com o illustre e mallogrado pintor brasileiro Navarro da Costa. Para combater os ataques periodicos de horriveis gastralgias, o notavel artista patricio costumava tomar um preparado allemão, que lhe prescrevera certo clinico lisboeta. Encontrando-se elle em Florença, desprovido já do "remedio", levou a bulla a um pharmaceutico, perguntando-lhe se era capaz de o manipular, de accordo com as indicações dosimetricas. Rapido, o pharmaceutico promptificou-se a "fabricar" o preparado. Bastou apenas uma dóse dessa substancia, para que Navarro da Costa, mortalmente intoxicado, nunca mais se levantasse do leito, depois de uma operação de urgencia a que se submetteu quasi agonizante.

O emprego das vaccinas preventivas como a B. C. G., de Calmette, o serum anti-typhico e o serum anti-pestoso, soffre, agora, rigoroso exame por parte dos technicos francezes. Léon Daudet, cujas experiencias sobre a etio-

logia do cancro e da tuberculose, com o professor Roy, são conhecidas, acaba de publicar um impressionante estudo sobre os resultados da B. C. G., digno de figurar entre as paginas do seu commovente livro "Les Rythmes de l'Homme"

Depois de reproduzir a ultima communicação de Calmette á Academia de Medicina, (21 de julho de 1931) sobre os resultados favoraveis da sua vaccina, transcreve Daudet diferentes cartas de especialistas europeus, inquietos deante das consequencias remotas que essas substancias poderão determinar, no organismo humano. Não temos autoridade para entrar no merito do assumpto. Por isso, deixamos de acompanhar a analyse minuciosa, de ordem physiologica e physico-chimica, feita pelos mestres, empenhados em combater a "illusão das vaccinas preventivas" e o "perigo dos preparados pharmaceuticos" Reproduzimos aedeante as conclusões de Daudet, cujo interesse para o espirito humano transcende os circulos scientificos:

"A questão que formulam os adversarios da B. C. G., e que eu julgo legitima, é a seguin-

te: Que produzirão, no sangue dos pacientes, ao cabo de uma dezena ou quinzena de annos, todos esses corpos estranhos, constituídos pelos seruns ou as vaccinas “anti?” Não obrarão, porventura, como venenos, depois de terem agido como remedios? Nada, no estudo da cellula, permite uma resposta peremptoria, em favor de sua inocuidade permanente. Quanto ás “resoluções” da Academia, desconfio dellas. Quantas mentiras grosseiras ali se annunciaram, desde sessenta annos!”

Filhos do seculo XIX, quando não pertencem á rara linhagem dos Pasteur e dos Claude Bernard, os medicos modernos se olvidaram, talvez, de que **“Medicina est gratia data a Deo cujus fundamenta non sunt Academicis libri, sed invisibilis Misericordia Dei et Dona.”**



# **Reflexões sobre a doença do Imperio Britannico**

## **1 — Os globulos vermelhos do sangue britannico.**

● Imperio Britannico substituiu, como factor do equilibrio universal, a realza de França. Antes da Revolução, até o derradeiro quartel do seculo XVIII, as armas da monarchia franceza occupavam o centro do brazão da Europa. Ao redor do sol de Versailles, giravam as estrellas de Portugal, de Castella, da Prussia, da Austria, da Grã-Bretanha, dos Paizes-Baixos, da Russia e dos numerosos principados, ducados e senhorias do Mediterraneo, do Adriatico, do Baltico e do Rheno. Luiz XIV, no crepusculo do seu reinado, foi um Carlos Magno de peruca e punhos de renda. Deante do seu throno, prosternavam-se os embaixadores do Oriente e do Occidente.

Os persas offereciam-lhe tapeçarias. Os negros mandavam-lhe marfins. Os russos enviavam-lhe arminhos. Os hespanhoes davam-lhe princezas para o leito dos “filhos de França” Os florentinos enchiam-lhe de moedas as escarcellas. Os inglezes e os prussianos acolhiam os seus detractores, com o sorriso do demonio aos anjos rebellados.

Mas o sol de Versalhes não poderia brilhar sempre. E appareceram-lhe as manchas fataes. A da Regencia foi grande. Mas a de Luiz XV tomou quasi todo o resplendor do enorme disco, transformando em carvões fumegantes os diamantes da sua luz. Luiz XVI teve apenas uma chamma tremula para alumiar o seu martyrio. E, por traz de Paris, que declinava, na purpura de Robespierre, de Marat e de Danton, surgiram as pedras tismadas de Londres.

A Revolução foi o maior negocio que os inglezes realizaram. Até certo ponto pode affirmar-se que, entre os fundadores do Imperio Britannico, estão os “sans-culotte” de 1789 e os “grognards” de Bonaparte. A revolução libertou o inglez do seu insularismo. E os

juros das campanhas napoleonicas aggregaram á pequena ilha da Mancha todos os portos da America, os maiores imperios da Asia, as florestas e as minas da Africa, os estreitos, os canaes e os archipelagos mais importantes de todo o mundo.

Os globulos vermelhos do sangue britannico eram a libra, a esquadra e a aristocracia.

A libra era um padrão de unidade politica. A economia universal, durante os reinados da rainha Victoria e do rei Eduardo VII, baseava-se na resistencia do “soberano” Todos os productos da terra, para se converterem em valores monetarios, transformavam-se, primeiro, em libras, no mercado da City. Sem a libra, não poderia fixar-se o preço do carneiro da Escossia, do café paulista, do trigo da Russia, da seda de Lyon, dos vinhos do Porto, dos tapetes de Smyrna ou dos perfumes da Arabia.

A libra era a cellula do organismo imperial. Todos os padrões das Colonias e dos Dominios fundiam-se no padrão da Metropole.

A libra não era somente um capital seguro. A libra era o capital.

A esquadra de Sua Majestade Graciosa representava a imagem da disciplina. Essa disciplina era uma harmonia. Dentro della, o almirante e o pirata, Nelson e Cavendish, juntavam as suas vozes de commando, para obedecer ao throno. A esquadra era a terra firme do Imperio Britannico. O inglez sentia que a esquadra era o seu continente. *Britannia rule the waves.*

A aristocracia britannica era o sal do mundo. O "gentleman" era uma expressão de elegancia gratuita, que existia por si mesma. Sobre a massa dos mineiros e dos operarios, sujos de oleo e negros de coke, scintillava o Lord, como um diamantino de agua purissima. O Lord era o dono, o amo, o Senhor. Acima delle, e por seu espontaneo consenso de barão feudal, só havia um lord maior — o Lord Rei. Elle conhecia apenas dois poderes: *Dieu et mon droit.*

## 2 — Quando os Partidos eram dois.

Depois de Cromwell, os burguezes vieram misturar-se aos gentis-homens. O Terceiro-Estado começou a usar tacão alto e colorido. A experiencia politica favoreceu a instituição de um systema admiravel, cujos pesos se equilibravam nas conchas de uma balança de governo.

De um lado, os Conservadores. De outro, os Liberaes. O Rei, no centro, como um fiel, sujeito ás fluctuações da maioria parlamentar.

O eleitorado era restricto. Votavam, em geral, os contribuintes, os que possuiam rendas, os homens de negocios, industriaes commerciantes e banqueiros, os funcionarios publicos, os professores. Toda essa clientela politica se norteava pelo senso das realidades economicas. Essa gente conhecia o valor do dinheiro e, por seu intermedio e sob o seu influxo latente, conservadores e liberaes, durante longos annos, governaram com os orçamentos equilibrados, resistindo á pressão das aventuras e das especulações internacionaes.

Conservadores e liberaes, sob diferentes aspectos, eram uma força de igual potencia, orientada para um fim muito semelhante: a gloria do Imperio. Elles espelhavam, assim, a phisionomia do seu eleitorado.

### 3 — Os Trabalhistas. A industria do voto. O Estado patriarchal

O Labor Party desequilibrou a balança dos poderes, na Inglaterra. Seu prestigio nasceu das difficuldades da liquidação da paz.

Baldwin e Lloyd George não encontraram, na sua experiencia de governo, os elementos necessarios para corrigir ou attenuar os effeitos internacionaes da guerra e a sua repercussão sobre o Imperio. Elles tiveram que enfrentar, depois de dissolvido o Ministerio da União, determinado pelo conflicto de 1914, crises successivas internas e externas. As perturbações da India e do Egypto, as reclamações dos Dominios, no terreno politico, o fechamento de diferentes mercados consumidores da producção britannica e a crise dos

salarios criaram uma atmospheria nova, um clima estranho para a politica tradicional ingleza.

Deante de tantas ameaças, houve necessidade de alargar o ambito do eleitorado nacional, afim de que elle participasse, de modo mais amplo, na constituição do governo. Era preciso extirpar o mal dos "sem trabalho" Era urgente encontrar uma formula capaz de estimular a riqueza nacional, tão prejudicada pelas condições do universo, depois de 1919.

Quando os "trabalhistas" assumiram o poder, pelo voto de um eleitorado inedito, na historia da Grã Bretanha, a grande preocupação era a de supprimir o "chômage" Havia, então, menos de um milhão de desoccupados. O sr. Mac Donald, com o seu enthusiasmo socialista, applicou os methodos do seu partido. Fez a nação pagar uma indemnização aos "sem trabalho", Sua esperança era a de que o proprio rhythmo das correntes economicas e financeiras internacionaes tomasse novo impulso, permittindo a conquista de mercados para os productos das machinas do Reino Unido. Em pouco tempo, desapareceriam,

dess'arte os sacrificios do Thesouro. Gravado de impostos pesadissimos, o povo inglez supportou a therapeutica trabalhista, até setembro de 1931.

Mas a medicina do sr. Mac Donald, ao invés de curar a enfermidade, criou a doença chronica do "chômage" Em dois annos, cerca de tres milhões de individuos passaram á situação de pensionistas do governo. O Labor Party instituiu, sem o querer, a doutrina marxista do Estado patriarchal.

#### 4 — A doença do "chômage"

O "chômage" instillou, na circulação do sangue britannico, toxina equivalente a uma invasão leucocitaria. Os globulos brancos da desconfiança principiaram a devorar os globulos vermelhos do sangue britannico. A esquadra indisciplinou-se. A libra caiu. A aristocracia, mercê das formidaveis contribuições que gravam as heranças, empobreceu e empobrece cada vez mais.

O mundo precisa da saude ingleza. Mas onde está o especialista genial, susceptivel de conhecer um organismo tão extraordinario como o Imperio Britannico?



## **○ marinheiro britannico e a greve da Home Fleet**

**A** insubordinação das tripulações da frota ingleza, em Invergordon, deve ser apreciada como um dos indices mais graves da indisciplina moderna, instituida, creada e alimentada pelos governos socialistas, democraticos e liberaes que o seculo XIX herdou aos nossos tempos. Ao examinar as causas e os efeitos desse movimento insolito dividiu-se a opinião média européa em dois partidos. Os extremistas procuraram tirar especiosas ilações revolucionarias, que as apparencias justificam. Os conservadores, praticando a sabedoria do avestruz, tentam disfarçar-lhe o aspecto sombrio, reduzindo-o, pelos enganos do prisma optimista, a um simples episodio que as leis militares podem corrigir.

“L’Humanité” arvorou, com as mais solennes galas, o pavilhão bolchevista, para sau-

dar os marujos da "Home Fleet" As cellulas communistas, de Paris, vislumbram, nesse espectáculo, o prologo de um drama em varios actos. E proclamam, no seu jornal: "Eis que a esquadra de Sua Majestade, pilar do poderio britannico, se rebella, por sua vez, e as suas equipagens reproduzem o gesto, entre todos glorioso, dos marinheiros do "Potemkine"

A "Pravda", de Moscou, illumina, tambem, as suas gambiarras. E, no estylo mystico dos prophetas russos, perora: "A sombra de Nelson esfuma-se e a do "Potemkine" levanta-se" Será mister recordar que o "Potemkine" foi o couraçado que primeiro ergueu o pendão maximalista, em outubro de 1917? A imprensa liberaloide derrama agua de flor de laranja sobre o nervosismo da sua clientela burgueza. Os socialistas da 2.<sup>a</sup> Internacional esfregam as mãos, de contentes, e fazem prognosticos promissores sobre a proxima ruina do governo equivoco do sr. Mac Donald, mettido, como um cordeiro pascal, na jaula dos lobos conservadores e das raposas liberaes.

Para se avaliar, entretanto, a origem da insubordinação de Invergordon, que é, aliás, uma réplica menos tragica de outros pronunciamentos realizados nas frótas inglezas até em face do inimigo, é necessario conhecer a organização naval da Grã-Bretanha. O marinheiro britannico, ao revés do francez ou do allemão, é um profissional. Recrutado pelo processo, tradicional na Europa antiga, do voluntariado, o marujo inglez é um verdadeiro funcionario da Corôa, a quem presta determinados serviços em troca de taes ou quaes salarios. Quando elle se engaja, realiza um contracto com o governo pelo prazo prefixado em lei. Sem duvida, o Estado pode modificar o regimen dos soldos, em casos de força maior. Mas os marinheiros, mercê do pacto feito, encontram-se, deante do governo, na mesma situação dos operarios relativamente aos patrões.

As tripulações dos vasos de guerra gozam, assim, de privilegios impossiveis nas outras marinhas do mundo. Podem installar cooperativas a bordo, mercar e fazer transacções commerciaes dentro dos navios, libertando-se,

dess'arte, consoante as suas posses, das rações communs, dispensadas pelas autoridades. Fóra do serviço, não são obrigados a vestir os uniformes. E, "last but not least", são eleitores, a quem não se nega o direito de pertencer a qualquer partido ou aggremação politica. Os marinheiros britannicos podem votar e fazer "meetings", em favor dos seus candidatos ou de suas idéas. Perante a lei, nesse particular, elles são perfeitamente eguaes aos seus chefes e, na bocca das urnas, suas cédulas disputam a precedencia alphabetica á dos almirantes e dos primeiros ministros.

Sua resistencia passiva não poderia, portanto, ser vencida pela applicação summaria de penas disciplinares, como aconteceria em França, na Allemanha, no Japão ou na Italia, onde o marujo é um simples soldado. Os reclamantes de Invergordon estavam, pois, defendendo um direito, com certa vivacidade, da mesma sorte que os mineiros de Cardiff ou os operarios de Manchester. E tanto isso é verdade, que o Almirantado recebeu as suas queixas e dispoz-se a interromper as grandes manobras navaes, para informar o gabinete do sr. Mac Donald sobre o assumpto em litigio,

Parece, desde logo, que as reduções dos soldos, na marinha ingleza, não obedeceram a um criterio escoimado de vicios. Emquanto os officiaes soffriam uma diminuição maxima de 12%, os “inferiores” experimentavam córtes de 25%, nos seus salarios. Nos seus protestos, declararam elles que não seriam capazes, dor’avante, de sustentar as suas familias. Faltar-lhes-iam os meios mais rudimentares de subsistencia. Por isso, pediam ao governo a revisão equitativa das tabellas orçamentarias.

O medo é mau conselheiro. Premido pelas contingencias, o gabinete de Londres fez obra apressada. Esqueceu-se de adaptar as fórmulas abstractas da mathematica ás fórmulas vivas da realidade. Economizou libras suprimindo pães. E os marinheiros de “Invergordon”, seguindo espontaneamente as leis da gravidade que regem o character britannico, insubordinaram-se respeitosos, deante da bandeira de Nelson, cantando o “God Save the King”, para justificar a sua indisciplina. Os calculadores officiaes do Thesouro britannico poderiam, talvez, ter evitado o espanto desse contraste.

## Lord d'Abernon

**E**dgar Vincent, Visconde d'Abernon, na multiplicidade dos seus pendores, na riqueza complexa da sua substancia intellectual, nos varios dons que reflecte a sua personalidade, reincarna aquelle espantoso typo do "honnête homme", maravilha do seculo XVIII e suprema elegancia do "bon vieux temps". Na época da machina, da synthese e da especialização, esse espirito inquieto, que poderia ser apenas um profundo economista, um philologo atilado, um archeologo sagaz, um diplomata ou um politico de partido, somma, ao revés, todas essas qualidades, culmina em cada uma dessas categorias, conservando-se, entretanto, um puro espirito especulativo.

Lord d'Abernon é um encyclopedista, que sabe temperar com ironia o rigorismo dos theoremas e põe a duvida ao lado da verdade.

Ao contrario de muitos inglezes superiores, esse scholar subtil não acredita na divindade do papel impresso. Escriptor dos mais penetrantes de seu tempo, o autor do "An Ambassador of Peace" sabe que o melhor estilo de um livro está na intensidade do character que elle revela. Esse amigo dos gregos conhece a viril seducção da simplicidade.

Ha, em muitos espiritos saxões da mais alta linhagem, uma certa feminilidade que os homens do Mediterraneo greco-latino, tão accusados desse defeito, não possuem nem revelam. O lyrismo de Shelley, a versatilidade de Charsteton, a doçura brumal de Keats adormecem a imaginação, depois de excital-a. A poesia ingleza é, talvez, a mais incorporea e, por isso mesmo, a mais pura da Europa. Um soneto de Shakespeare é uma luz. Um soneto de Dante é um crystal onde a luz se refrange.

Lord d'Abernon, pelo realismo da sua obra, se approxima dos homens do Renascimento. Esse banqueiro, que discute leis de philologia, classifica uma téla ou um bronze, conversa no salão, prepara tratados de com-

mercio, domina os sports, e é, simultaneamente, um tecnico de finanças e de problemas de agricultura e pecuaria, parece mais um filho da Toscana ou do Veneto que um doutor de Oxford.

As paginas do Diario do Visconde d'Abernon, recentemente publicadas, relatando a crise que se prolongou de Spa a Rapallo, mostram um dos maiores psychologos da Europa. D'Abernon joga, ahi, com todas as armas do seu grande espirito. Seu retrato do povo allemão, por exemplo, em contraste com o francez, o austriaco, o bohemio e o polono, é de uma precisão digna do desenho de Durer. Servindo-se de um processo directo, que recorda o schema dos laboratorios de anthropologia, Lord d'Abernon reconstitue, com os dados sommaticos entrevistos e colhidos na multidão, os caracteres individuaes. O homem reponta, de improviso, da massa. "Dizem que o rosto allemão constitue a unica tentativa feliz, até agora feita, de quebrar o circulo, pois é, ao mesmo tempo, quadrado e redondo." Nessas duas secções lineares estão marcados os traços do germano: a força e o mysticismo.



O dom de pintar os seres veio-lhe, talvez, do intimo contacto com os mestres do retrato, na Italia e na Hespanha. O trivialismo flamengo ou a dramaticidade hollandeza não lhe serviriam de paradigma. D'Abernon, a exemplo de Velasquez, procura o essencial, o irreductivel. Balfour, Curzon, Briand e Churchill encontraram, em D'Abernon, um gravador extraordinario.

Esse homem, esse "honnête homme", que deveria ser um sceptico, um amavel realtivista, sabe amar e, talvez, odiar. Ainda, aqui, se mantém a tradição do Renascimento, do realismo florentino, inimigo da metaphysica sorbonicola. Só um homem que avalia o preço do amor e do odio seria capaz de acreditar com enthusiasmo. O Pacto de Locarno, para cuja realidade Lord D'Abernon tanto trabalhou, é um signal generoso da sua fé.

## **A Alemanha e o seu navio Fantasma**

**E**stou seguro de que os meus leitores perdoarão a nota “bellicosa”, que tanto se insinua e transparece nestas minhas correspondencias de Paris. Eu desejaria contar-lhes, por exemplo, a polemica violenta, agora travada entre os modernistas, conduzidos por Lhote, e os conservadores, dirigidos por Halévy e J. Emile Blanche, a proposito da exposição retrospectiva da obra de Degas, reunida no pavilhão de l’Orangerie. E o meu prazer não seria menor, se me sobrasse oportunidade para transmittir, aqui, as minhas impressões acerca de umas inquietantes “naturezas-mortas”, de Picasso, de alguns retratos de Marie Laurencin ou da partitura deliciosa, com que Honegger desenhcou musicalmente os versos do *Amphion*, de Paul Valery.

Mas um rumor de tambores cobre as vozes amáveis da poesia, nesta Europa saturada de rancor e desconfiança. Os livros da moda, em verdade, são as cadernetas de mobilização. Sem esquecer toda a sorte de memórias secretas, correspondências confidenciaes, documentos reservados e revelações sobre os "mysterios da guerra" Ha um estado de pânico latente, de que são testemunho as recentes instrucções, dictadas pelo governo ao chefe de policia de Paris, para "estudar e assentar definitivamente as medidas adequadas á defesa da capital, no caso de subita aggressão aerea, por aviões conductores de bombas e torpedos carregados de gazes asphyxiantes."

O parisiense, que lê os vaticinios de Daudet ou de Maurras, na **Action Française**, ou os do sr. Coty, no **Figaro**, terá duvidas sérias sobre a tranquillidade com que, na manhã seguinte, tomará o seu café e comerá o seu "croissant" Nestas ultimas semanas, particularmente, o nome que anda em todas as bocas não é, sem duvida, nem o do sr. Briand, nem o de Hoover, nem o de Bruening. E' o do couraçado **Deutschland**. Mas, afinal, que

representa esse modesto “couraçado de bolso”, construído consoante as exigências estritas do Tratado de Versalhes, cuja tonelagem é a de um discreto cruzador? Que medo provoca esse barco de 10.000 toneladas, cujas características são de tal monta que, no Senado de França, o relator do orçamento da Marinha preconizou o imediato lançamento de uma unidade de 27.000 toneladas, apenas para contrabalançar o perigoso engenho dos estaleiros germanicos?

Referindo-se á campanha da imprensa franceza, que exige unanimemente a inutilização ou a entrega dessa unidade da frota alle-mã, escreve a grande revista de construcções navaes do Reich, *Der Schiffbau*:

“Quando a Entente limitou a 10.000 toneladas o deslocamento das maiores unidades de guerra concedidas á Allemanha vencida, foi evidentemente baseada na convicção de que lhe seria, technicamente, impossivel realizar, dentro de proporções tão exiguas, um navio couraçado utilizavel, e que a Allemanha renunciaria, por

isso mesmo, ao proposito de construil-o. Deu-se, porém, o inverso. A Allemanha encontrou, máo grado tudo, e a despeito do "Diktat" de Versalhes, meio de crear um couraçado respeitavel: isso bastou para despertar um espantoso rumor na floresta da imprensa estrangeira. Os olhos do mundo estão fixos no primeiro couraçado que a Allemanha construiu depois da guerra. Sob certo aspecto, esse navio pode tornar-se typico. O momento parece particularmente azado para que o estrangeiro reconheça depressa a necessidade urgente de libertar o Reich dos grilhões de Versalhes. "

Não se conhece bem, até agora, a estrutura do novo couraçado. Conjecturam-se cousas extraordinarias, a respeito do seu poder offensivo e defensivo. Fazem-se calculos que raiam pelo milagre. Suggestem-se hypotheses que orçam pelas fantasias de Julio Verne e Wells. Vale, entretanto, citar a opinião de sir Herbert Russell, em artigo sensato, que acaba de publicar, na "Naval and Military Record", de

julho corrente. A autoridade excepcional do tecnico dispensa maior commentario. “O raio de acção do novo navio allemão, escreve sir Herbert, é o de um esplendido cruzador de alto mar, um “super-Emden” Mercê da sua velocidade e do seu armamento “Deutschland” será capaz de destruir comboios inteiros. Os cruzadores que, normalmente, compõem a escolta desses comboios, não poderão oferecer-lhe resistencia, com os seus canhões de 203 mm. e de menor calibre ainda.”

Reconhece o perito inglez que a Grã-Bretanha possui ainda tres grandes cruzadores de batalha (aliás antiquados) susceptiveis de constituir uma replica efficaz a esses navios. Mas se, porventura, os empregasse, perderia a frota britannica sua unica divisão ligeira. “É preciso considerar o “Deutschland”, remata sir Herbert, como a ameaça mais formidavel que jamais se imaginou contra o commercio oceanico. O perigo submarino foi largamente neutralizado pelo systema dos comboios. Este, ao revés, ministraria ao navio allemão suas melhores oportunidades de acção. Manobrado com pericia, á guia do “Emden”, elle seria

capaz de causar o maior mal ás communicações marítimas.”

Como se vê, a famosa orchestra do Tratado de Versalhes, com os seus pifanos escossez, as suas gaitas da Sicilia, os seus saxofones de Nova York e os seus violinos de Paris, plagiou escandalosamente o velho Wagner. Do seu primeiro concerto sahiu, inesperadamente, o navio fantasma .

# Hitler e o novo mappa da França

Os pan-germanistas sempre gostaram da propaganda pelo cartaz colorido. Os mestres propugnadores da Grande Allemanha, antes de 1914, não se contentavam com a literatura voraz de Chamberlain, Ludwigg Voltmann, von Der Goltz e demais prophetas da decadencia latina. Para convencer o pequeno Fritz dos milagres reservados, por Gott, ao Germano, elles começavam por illuminar as paginas de suas modestas cartilhas primarias com os mais evocadores desenhos imperialistas. Cada consoante e cada vogal, nesse alfabeto do orgulho, suggeriam a fabula de um heroe nacional, a imagem de um deus legendario, nascido a beira do Rheno ou do Baltico. Cada abecedario era, assim, um catalogo das glorias raciaes. Debaixo do A via o pequeno Fritz apparecer o grande Attila,



com as suas legiões de Hunos, tão louvados nas orações do Imperador. O B fazia surgir os cenhos carregados de Bismarck. Por entre as barras do H repontavam os elmos e as couraças dos Hohenzollern. A barca e o cysne de Lohengrin fluctuavam na moldura do L. O M fingia uma sebe de louros ou quatro espadas, com as pontas para o ar, de onde se erguia a cabeça vulturina de Moltke. O P era Parsifal. O V era Votan. E assim por deante. Junto á lareira da sua casa aldeã, o pequeno Fritz adormecia, nas longas noites do inverno, seguro de que os gigantes dos Contos de Grimm continuavam a dominar o planeta, assentados ao redor do throno de Potsdam.

Recordo-me de ter visto, em 1913, numa estação ferroviaria da Alsacia, uma dessas cartas em que se exhibia, em todo o seu ingenuo cynismo, a topographia universal dos pan-germanistas. O mundo inteiro, segundo a fantasia do cartographo, parecia atacado de fôcos de escarlatina. Todos os continentes mostravam zonas de pigmento avermelhado, indicadoras da influencia ou da soberania germa-

nica. Essa erupção imperialista se alastrava pela Europa, Asia, Africa, Oceania e, *mirabile dictu!* pela America. Ao lado de Marrocos, de Kiau-Tchau e do Cameroun figuravam, atacados tambem dessa lepra encarnada, os nossos Estados de Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Como o pacato camponez de Felipe 2.º, o pequeno Fritz poderia dizer que o sol não se punha nunca, no vasto Imperio Allemão.

O pequeno Fritz cresceu e multiplicou-se. E, numa tarde quente de agosto do anno de 1914, depois de dizer adeus á sua gorda Margarida e beijar os cinco pimpolhos corados de sua ninhada, tomou a lança de uhlano e montou no cavallo guerreiro, ao som da fanfarra jovial. Sua mochila, tão recheiada de sabrosas *delikatessesn*, de salchichas e tortas de maçã, preparadas com arte domestica, certamente não se esvasiaria em duas semanas. **Beberei á tua saude e comerei, em Paris a ultima salchicha do meu farnel** — gritou elle para a mulher, quando o seu regimento passava entre filas de alegres veteranos de 1870.

Mas Fritz não voltou. Fritz não teve o gosto de saborear aquelles vinhos da Cham-

pagne, que o seu amado Príncipe e os seus pesados generaes enguliam nos castellos desolados de França. Ao voltar de um reconhecimento, numa noite de setembro, sua patrulha foi surpreendida por um solerte posto de metralhadoras. Paris estava longe. Fritz não bebeu á saúde de Margarida. Só teve tempo de rolar da montaria, de repente, e afundar nos charcos do Marne, como um fardo que se despenha. De todos os seus sonhos, povoados de deuses e heróes, ficou apenas uma espuma avermelhada frisando, por alguns instantes, as aguas indifferentes do rio. Foi com essa tinta que os pan-germanistas pintaram a sua derrota. A experiencia do velho Fritz não aproveitou aos novos. Volvidos dezeseite annos o Fafner imperialista sáe, outra vez, da sua caverna. De capacete de aço, a cauda e as arestas da crista afiada, as garras promptas para enfiar nos socialistas e nos bolcheviks, Fafner chama-se agora Hitler. Elle quer, de novo, guardar o ouro do Rheno, e olha para Strasburgo. Pelas velhas cegonhas da Alsacia, o chefe manda saudades a Fritz, perdido na mi-

norica germanica das provincias reconquistadas.

Suas lembranças fieis vibram num cartaz de propaganda pangermanista. É um mappa da França, em 1935. E que será a França, para os pan-germanistas do Segundo Imperio Allemão, no anno da graça de 1935? Antes de examinar a carta geographica intensamente distribuida agora pelo Reich, considere o leitor que, neste momento, para auxiliar as finanças enfermas do sr. Bruening, o Thesouro Francez soffre uma sangria de centenas de milhões de francos. Ora, pois, dentro de quatro annos, consoante a data prefixada, perderá a França todos os seus littoraes maritimos, e uma imprevista Suissa gauleza repetirá, a oeste da Europa, o exemplo da Polonia, no seculo XVIII. Do Havre a Dunkerque e desta cidade até ás Bocas do Rhodano se estenderá o futuro imperio Germanico. Os Departamentos do Var, dos Alpes Maritimos, dos Baixos e Altos Alpes e da Savoia passarão ao dominio da Italia. A Catalunha avançará até os Pyreneus, dilatando-se ao Herault. De Calvados a Landes, toda a costa do Atlantico

entrará para o patrimonio da Grã-Bretanha. E, para não descontentar o Tio da America, os Estados Unidos occuparão o Finisterre, afim de transformal-o em base naval. Haverá um corredor internacional, entre o Sena-Inferior e Calvados, ligando ao mar a Cidade Livre de Paris. A França ficará com as suas doces aldeias, para fabricar mulheres bonitas, vinhos ligeiros e queijos ardentes. E Tartarin terá que aprender allemão.

Pequeno Fritz, que sorris do Tratado de Versalhes, toma juizo. Não reproduzas a aventura do chapellino vermelho. A avósinha dos bosques de Paris é doce, polida e sabe contar historias bonitas. Mas, quando se zanga, vira loba. E devora todos os pequenos Fritz. O milagre de 1870 não se repete na historia. Desde Attila a Guilherme II, os marchaes do outro lado do Rheno experimentaram o dente da loba parisiense. Pequeno Fritz, contenta-te com a tua salchicha.

## **● S. O. S. do Reich e a Europa ansiosa**

**D**esde as ultimas semanas de julho de 1914, não conheceu a Europa uma série de dias mais angustiosos que os actuaes. Tem-se, aqui, a dolorosa impressão de que a guerra se transferiu das trincheiras para os mercados e os bancos internacionaes. As sementes de odio, lançadas pelos negociadores do Tratado de Versalhes, começam a frutificar. Por debaixo das frageis raizes da arvore da paz, ouve-se um rumor de sapadores tenazes, empenhados em preparar o terreno para as suas minas explosivas. E' triste considerar que a oliveira de Wilson não chegou a florir. Mal os seus ramos repontaram, cobriu-se a verdura dos brotos e renovos da herva de passarinho de uma diplomacia conduzida pelas especulações de bolsa da alta finança israelita.

O armistício de 1918 despertou, nos paizes vencidos, mercê das imposições franco-italo-

britannicas, oriundas do desejo natural de evitar novas calamidades, uma febre irremediavel de nacionalismo feroz. Os húngaros queixam-se dos rumenos. Os austriacos invejavam os tchecos. Os turcos murmuram surdamente contra os gregos. Os russos olham de soslaio para os polacos. Os yugo-slavos se entredevoram, agitando-se contra a dictadura de Belgrado. Berlim aggride Paris. E todo o continente europeu, com excepção talvez da Italia, que procura tirar o melhor partido de toda essa confusão de povos e governos irritados, clama, unisono, contra os anglo-saxões de Londres e de Washington.

Affirmar-se, portanto, como fazem alguns jornalistas ingenuos do velho mundo, que a paz está em perigo é jogar com palavras inuteis. Em verdade, a paz não existe. E' apenas uma vigilia ansiosa, em que, por falta de confiança num prelio de armas, os homens se guerreiam abertamente, a golpes de tratados, de convenções e de accordos ephemeros, cujo primacial proposito é o de ganhar tempo, emquanto o capitalismo desesperado procura o

ensejo, o momento azado para reabrir o açougue da carnificina humana.

Depois de tres annos de conversas entre as chancellarias e as super-chancellarias, que se chamam o Banco de França, o Banco da Inglaterra, o Banco do Reich e o Banco dos Estados Unidos, depois de Locarno, do Plano Dawes e do Plano Young, verifica-se a prophesia do autor da "Grande Illusão": De nada valeu a victoria nos campos de batalha. A guerra venceu, ao mesmo tempo, vencedores e vencidos.

Apesar das terriveis sancções do Tratado de Versalhes, tão excessivas que as destruiu a propria demasia das suas exigencias, observa-se este facto espontaneo: As reparações não foram pagas. Pelo menos, não foi com as reservas da sua propria economia que a Alemanha saldou, até agora, os seus compromissos para os ex-alliados. O famoso conselho do Dr. Schacht foi seguido á risca pelos dirigentes de Berlim.

Um estudo financeiro, que não procede de fonte official, mas do Midland Bank, um dos maiores bancos inglezes, mostra como o Reich



manobrou, após a guerra, para não pagar nunca as sommas devidas aos seus credores. O Reich pediu-lhes sempre, por empréstimos successivos, tanto ou mais daquillo que devia pagar-lhes, e, quando se vencia o prazo para descontar as letras dos referidos empréstimos, o devedor declarava-se fallido.

Até o fim de 1929, expõe o Memorandum do Midland Bank, a Allemanha solicitára do estrangeiro, principalmente para fazer face ao serviço das suas dividas de reparações, mais de 400 milhões de libras sterlinas, a longo prazo, e cerca de trezentos milhões, a breve termo. Ora, de 1927 a 1929, se a balança deficitaria do commercio allemão accusava uma baixa de 350 milhões de libras, os pagamentos das reparações, durante esses tres annos, subiam a 290 milhões de libras dos quaes 120 milhões de mercadorias. De sorte que, é claro, o Reich não procurou jamais desobrigar-se das reparações com os seus recursos proprios, mas recorreu, para isso, ao jogo dos empréstimos. O dinheiro necessario, para o cumprimento das prestações dos planos Dawes e Young, foi sempre fornecido pela França, Inglaterra e

outros países. As dívidas oriundas da guerra subsistem ainda, sob formas e denominações diferentes.

Commentando esse modo singular de satisfazer os seus débitos, pelo qual se notabilizou o Reich, diz o sr. Camillo Aymard, em "La Liberté": A Alemanha pagou as suas dívidas com o dinheiro dos seus credores. A comercialização da primeira quota do plano Young é a última prova do systema: o prestamista francez, pobre carneiro impellido sempre para o matadouro, deu ao Thesouro allemão tanto, ou mais, do que aquillo que o Thesouro allemão entregou á França. E o Reich abre, de novo, fallencia.

"Ora, o que nos pedem hoje? Que recomendamos, novamente, a manobra, que empretemos mais algumas dezenas de billiões áquelles que já desviaram da nossa economia outras dezenas de billiões. E para que, afinal? Para que o Reich possa, com maior segurança, acabar de arruinar a nossa industria, graças ao "dumping" allemão, associados ao "dumping" sovietico. Para que o Reich possa ultimar um armamento formidavel, em via de construcção,

no mar, nos ares e em terra, e aliado aos Soviets, seja capaz de nos devolver amanhã, em forma de obuzes e gazes asphyxiantes, os nossos billiões.

“Numa palavra, roga-se aos carneiros que entreguem a lâ, para permittir ao açougueiro a compra da faca destinada a cortar-lhes o pescoço.”

Deante de tudo isso, Cândido perderia o optimismo. Mau grado as nossas revoluções e os nossos sacrificios a America tem ainda trechos de céu azul, de um azul que a Europa só encontra, agora, nos pratos de Delft e nos olhos das “girls” curiosas, que são as unicas creaturas capazes de rir, neste verão gelado e melancolico.

Sabe voce, leitor amigo da Praia de Botafogo, de São Clemente ou Copacabana, qual é o brinquedo da moda na Allemanha? São mascaras de todos os formatos e de todas as côres contra os gazes asphyxiantes. Brinquedos semelhantes ao D. Quixote ou aos contos das “Mil e uma noites” Servem para todos os sexos e todas edades. E, além do mais, são uteis, segundo as circumstancias.

## **A correspondencia secreta de Bulow e Guilherme II**

**O** nome de Bulow, do chanceller famoso do Imperio Allemão, que o Kaiser elevou á dignidade de Principe, depois da conferencia de Algesiras, mercê da derrota de Delcassé, está na ordem do dia da chronica politica européa, desde a publicação de suas ruidosas "Memorias" Esse Bismarck de "velludo", como lhe chama o sr. Maurice Muret, successor do chanceller de ferro, viveu num permanente "flirt" de oito annos com o seu irrequieito e fantasista Imperador. Desde 1897, Guilherme o namorava e o requestava, para convertel-o, afinal, em conselheiro intimo, em confidente de todos os planos da "Grande Allemanha" Ich adoriere ihn, eu o adoro, dizia o Kaiser, nessa época, em carta particular ao seu fiel commensal, o principe de Eulenburg, que um processo escabroso tornaria celebre, annos depois.

Não se sabia, entretanto, o grau extremo de intimidade a que chegaram, nas suas relações, o Imperador e o Príncipe. A politica exterior do Imperio, nos seus lances mais arriscados, parecia obra do taciturno barão de Holstein, a “esphyngue dos Negocios Estrangeiros”, a “eminence grise” da Wilhelmstrasse. Dizia-se, e ainda o repetem os amigos do terceiro chancellor, que Bulow era um character doce, um temperamento plastico e tinha horror aos conflictos armados. O proprio Bulow, aliás, tenta confirmar tal juizo, em varios passos dos quatro alentados tomos em que descreve a sua actividade social e politica, sob o signo do Kaiser. E não se arreceia até de assegurar que, se porventura estivesse á testa da Chancellaria, no mez de julho de 1914, teria evitado a guerra.

Aos que se mostram incredulos, acodem os admiradores do Príncipe com toda a sorte de argumentos em apoio dos sentimentos pacificos do “Bismarck de velludo” Bulow era, segundo esses testemunhos posthumos, um senhor amavel, que detestava os potes de cerveja e preferia os vinhos da Borgonha aos fer-

mentos da cevada de Munich. Seu coração, longe de ser o de um paladino, era o de um seraphim macio e polido. A Holstein deverão caber todas as culpas do exasperado pan-germanismo da Wilhelmstrasse. E porque? Porque mysteriosos motivos um sêr crepuscular, que o sr. Ludwig reduziu a uma entidade viscosa, conseguiu prender e dirigir uma creatura solar, como Bulow?

Refere o sr. von Schmidt-Pauli, num livro recente de apologia monarchista, que Holstein, amigo fervoroso das delações e das fichas, conhecia perfeitamente certos pormenores mortificantes acerca de uma pessoa muito proxima do chancellor. Em virtude dessa inquietante "ficha de familia", o Principe ficou inteiramente nas garras do barão, como diria Ponson du Terrail. O terror do escandalo, accentua von Schmidt-Pauli influiu, de 1900 a 1908, nas directrizes de Bulow. E a preciosa paz, naturalmente, se perdeu, por falta de um anjo, capaz de evitar as tentações do demonio no lar do Chancellor.

Mas a inesperada "Correspondencia Secreta de Bulow e Guilherme II", que o editor

Grasset acaba de lançar, com espantoso successo, no mercado de Paris, veio destruir a imagem bucolica do comparsa imperial. Bulow foi o vigilante conselheiro de todas as machinações do Kaiser. Approvou a entrevista de Bjoerkoe, de onde sahiu, para fracassar irremediavelmente, o pacto confidencial da alliança russo-germanica. Approvou a absorção da Bosnia e da Herzegovina. Approvou os planos da estrada de ferro Berlim-Bagdad. Instigou o Kaiser a realizar a celebre viagem a Tanger, de onde surgiriam as complicações que aggravaram as suspicias entre Londres, Paris e Berlim e determinaram a atmosphera carregada, que veio a produzir a sanguieira de 1914-1918. Approvou, em summa, todos os caprichos do soberano, para que este não se arrependesse da confiança depositada no seu "caro Bernardo"

Todavia, essa interessantissima "correspondencia secreta", que deve ser lida e meditada na integra, porque revela o avesso da diplomacia moderna, dirigida pela alta finança internacional, deixa transparecer algumas verdades capitaes: 1.ª) a Allemanha estava dis-

posta a dominar o mundo, ou forçando a participar do seu jogo a Russia e a França, ou separando Paris de S. Petersburgo, para dividir os provaveis adversarios e abatel-os mais facilmente; 2.ª) a Allemanha visava, particularmente, a Inglaterra, afim de se apoderar, pela violencia das armas, de combinação com um largo systema de tratados solertes, de um vasto imperio colonial, na Asia, na Africa e, possivelmente, na America; 3.ª) a Allemanha premeditava, desde 1905, a invasão da Belgica sem declaração de guerra e a humilhação da França, pelo terror ou pela seducção de propostas sibyllinas.

Para esclarecer o nosso commentario, convém destacar este pequeno trecho da carta que, a 30 de julho de 1905, Bulow escreveu ao ministro dos Negocios Estrangeiros do Imperio:

“Se a Inglaterra, de qualquer modo, nos atacar, faz-se mistér que Vossa Alteza envie logo um telegramma a Bruxellas e outro a Paris, com um ultimatum para uma declaração, a favor ou contra nós, em seis horas. Entraremos immediatamente na Belgica. No que respeita á França, é necessario saber se ella fi-



cará neutra (o que é pouco verosimil mas não impossível): não haveria ensejo, então, de se produzir o *casus foederis* com a Russia. Se a França mobiliza, é uma ameaça de guerra dirigida contra nós, em proveito da Inglaterra; é preciso, então que os regimentos russos marchem comnosco, e eu creio que a perspectiva de se baterem e de se entregarem ao saque na bella França, constituirá pabulo sufficiente para os attrahir. No momento, poderíamos ver se não seria possivel offerecer uma compensação á França, para que ella se comporte bem, como, por exemplo arredondar o seu territorio, em detrimento da Belgica; isso compensaria a Alsacia-Lorena”

Talvez o príncipe de Bulow não quizesse a guerra, como proclamam os seus amigos e elle proprio affirma. Talvez a sua theoria, bem diversa da de Bismarck, fosse a de arrebatat os despojos, com “mão de velludo” Mas ninguem poderá mais duvidar, depois de ler a sua correspondencia secreta, que elle considera o mappa da Europa com o criterio de um general prussiano. Para elle, as cartas geographicas tambem se desenhavam com a ponta da espada.

## ❶ Archiduque Sinistro

❶ balanço da semana tragica de julho de 1914, que iria determinar, com a guerra, a exasperação do cyclo da machina e a condenação do empirismo scientificocista do seculo XIX, está na ordem do dia. A publicação dos archivos secretos de Berlim, de Vienna e S. Petersburgo, os estudos emocionantes de Churchill, de Ludwig e o recente livro de Adler, sobre a conspiração de Seravejo, representam um esforço de pesquisa honesta, para desbravar os caminhos da historia, já de si baralhados e confusos, da espessa floresta de erros e juizos falsos, accumulados pelas secreções dos odios nacionalistas.

Evidentemente, muita tinta correrá ainda, sobre a controversia enganosa das “responsabilidades” do conflicto. O particularismo entranhado dos povos europeus não permittirá,

tão cedo, qualquer julgamento isento de suspeita ou parcialidade. O soffrimento é máo juiz. Francezes, allemães, russos, austriacos e inglezes, difficilmente, poderão alheiar-se do meio circumstante, em que mergulham, ou da pressão dos acontecimentos e lembranças mortificantes, para reconhecer a natureza dos phenomenos perturbadores da paz, no Velho Mundo.

Attribuir a guerra ao Kaiser, á politica absorvente da Austria, ao panico do estado-maior tzarista ou ao retardamento da intervenção psychologica da Gran-Bretanha, equivale a jogar com as cartas facéis da apparencia. A guerra foi apenas uma diathese do "liberalismo economico" da Europa. Antes de ser declarada, já estava ella em acção potencial. Seus principaes autores, os que prepararam, durante varios annos, o seu ensaio geral, nos campos de manobras diplomaticas e militares, foram os barões de Essen, de Armstrong, de Crezout, os industriaes e os senhores das Bolsas occidentaes.

Os imperadores, forrados de ouros e esmaltes, os presidentes, revestidos de funebres

casacas, associaram-se á empresa, como simples accionistas de uma vasta sociedade exploradora de carne humana. Deante da dynastia judaica dos Krupp, a linhagem dos Hohenzollern fazia figura de comparsaria modesta. Os verdadeiros “heróes” dessa espantosa cavallaria sangrenta estavam nas suas fôfas poltronas de commerciantes e especuladores. A guerra foi, assim, uma consequencia da politica de imperialismo instinctivo, que substituiu, nos governos, a intelligencia pelo primado da força, a noção de “qualidade” pela noção da “quantidade”

Entretanto, toda essa complicada politica internacional, cujos fios serão, talvez, desembaraçados por nossos bisnetos, não me interessa, propriamente, neste instante. Das polemicas actuaes, em torno de tal problema, reponta a mascara de um homem, que deve prender a nossa attenção. Esse homem é o archiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do throno dos Habsburgos, sacrificado pelo irredentismo servio.

Pude penetrar o character desse principe fatal, visitando-lhe a morada preferida, num

bosque de pinhaes escuros da Tchecoslovaquia. O castello de Konopischt, nos arredores de Praga, revelou-me, de subito, a alma dramatica de uma personagem digna da atmosphaera do theatro grego. A physionomia do homem gravava-se, indelevel, no seu ambiente familiar, como a das plantas e a dos animaes no calcareo das rochas terciarias. A casa é uma impregnação da nossa substancia essencial. Ninguem comprehende Versalhes, sem Luiz XIV Ninguem comprehende Mazarino, sem as humidas galerias do Louvre. As reminiscencias de Napoleão, no Grand-Trianon, produzem o effeito de uma "restauração" infeliz na patina de um velho quadro. O artificio da "superposição" accusa violentamente o contraste inesperado.

Konopischt é um solar do seculo XIII. Suas muralhas têm o peso e a significação da pedra medieval. Repousam na terra, entram-se no "real", para melhor aspirar á eternidade. A massa architectonica, pelo seu volume concentrado que suprime a fantasia decorativa, é uma provocação ao sentimento do "ephemero" A lei espacial rege essa sympho-

nia de granito massiço. A idéa de “duração” foi, ali, totalmente absorvida pela categoria do puro espaço. Era natural, portanto, que um Habsburgo escolhesse tal sitio, para saturar-se da sua tradição imperial.

Enganar-se-ia, comtudo, quem puzesse o caracter do castellão de par com a fachada grave do solar. O interior desmente e contraria aquella aspiração de eternidade, que lhe imprimiu o obreiro antigo. O castello de Konopischt é o museu da morte. A vida do archiduque foi uma continua caçada. Torturava-o, sem duvida, o sentimento do ephemero. E elle destruiu a vida, para conservar a fórma inerte dos sêres. Francisco Ferdinando rodeava-se de armas e cadaveres. Por todos os corredores, ante-camaras, salões e aposentos, nas salas de comer e nas salas de dormir, o principe convizinhava com a morte. Seus olhos reflectiam uma floresta de chifres, guampas e galhadas. Elle acariciava a esposa e beijava os filhos, ante os focinhos mumificados de trezentos mil espectadores sinistros. Sómente a sua mão abateu seis mil veados de todos os tamanhos!

A existencia do archiduque é uma verdadeira euphoria destruidora.

Francisco Ferdinando, cavalleiro corpulento e pesado, tinha horror á agilidade. O perfil do gamo elegante, varando, celere, a bruma das manhãs outonaes, nas selvas do Danubio, abria-lhe o appetite da morte. Quem poderá imaginar a angustia com que esse doloroso principe viu saltar, rapido como um veado, o seu caçador inflexivel, na “espera” impiedosa de Serajevo?

Francisco Ferdinando acreditaria, nesse instante, na moralidade da metempsychose?

## **A ronda de Staline**

● Governo dos Soviets realizou, em Moscou, a 1.º de maio ultimo, uma grande parada militar, para commemorar a festa da “Paz e do Trabalho” Pela descrição feita nos jornaes vermelhos, os logros famosos da ideologia marxista não poderiam alcançar maior e mais retumbante confirmação. Essa festa da “paz e do trabalho”, que não tem, para justificá-la, nem o merito da novidade, pois é grosseira parodia das allegorias da Revolução Franceza, depara, entretanto, um aspecto singular. No tempo de Robespierre, os “sans-culotte” vinham para as ruas com espigas de trigo nas mãos tintas de sangue, as padeiras e as tripeiras conduziam ao altar da deusa Razão todos os dons de Pomona e Flóra. E a linguagem dos discursos e das proclamações era puramente convencional. Pregava-se a



panacéa da liberdade, igualdade e fraternidade, diante da guilhotina. Assassina-se todo o mundo, mas “en douceur”

Os Soviets, porém, perderam o sentimento das conveniências. Instituídos para a destruição do nacionalismo, do capitalismo e do militarismo, os Soviets exibem, com sereno impudor, o mais violento “patriotismo”, o capitalismo mais furioso e o militarismo mais desesperado. Presentemente, não ha, em todo o mundo, Estado mais jacobino, mais rico e mais armado que a Russia. Basta referir que o exercito vermelho, cujas reservas, segundo a insuspeita avaliação da “Berliner Illustrirte Zeitung”, attingem, ao serviço da paz, 1.200.000 homens, equivale ás forças reunidas de todas as potencias européas.

Esse exercito é a joia da Russia bolchevista. Por elle e para elle fazem-se os mais duros sacrificios. Para mantel-o e desenvolv-o, para alimentar os crescentes tentaculos desse polvo monstruoso, o communismo da central moscovita supprimiu todas as prerogativas do homem: a propriedade individual, a liberdade de pensamento, os laços de familia, o

patrio poder, o direito de reunião, o direito de greve, as mais sagradas conquistas do proletariado. Para fardar bem o soldado, cobri-lo de pelles custosas e encher-lhe o corpo de vinho, durante o inverno, o camponez e o operario são obrigados a trabalhar quatorze horas diarias. Para conservar essa milicia pretoriana, Staline escravizou milhões de sêres acovardados deante do poder, deante dos canhões, das metralhadoras, dos tanks, dos gazes asphyxiantes e, sobretudo, das masmorras e dos fuzis implacaveis do "G.P.U."

Vale transcrever aqui algumas passagens do jornal "Izvestia", órgão do partido stalinista, acerca da parada de 1.º de maio:

"A cavallaria e a infantaria das formações regulares — soldados maravilhosamente dextros, dispondo das melhores e mais modernas armas automaticas — alternavam com o exercito, perfeitamente instruido, dos estudantes da "Ossoaviochime" (Associação militarizada para o desenvolvimento da Aviação e das pesquisas chemicas dos "Komsomols" (juventudes communistas), dos pioneiros, etc.

Era a revista das forças militares pertencentes a tres gerações, gerações cheias de entusiasmo, sabendo de que lado dirigir os seus golpes e o objectivo da luta. Quando o desfile terminou, ouviu-se, ao longe, um rumor de motores, e surgiram os tanks ligeiros, semelhantes a escaravelhos cinzentos. Aparecia, em seguida, uma fila interminavel de autos blindados, grandes tanks e canhões montados sobre tractores. No céu, voavam, bem alinhados, dezenas de aeroplanos. Logo que estes desapareceram, uma esquadrilha de aviões de caça começou a executar acrobacias. Essa parte “mecanizada” da revista mostrava o concurso que a technica bolchevista presta á vontade combativa da U.R.S.S. e como a industrialização socialista do paiz contribue para augmentar a sua força militar.” (*Izvestia*, 4 de maio de 1931).

Essa parada, todavia, não se limitou á capital. Durante horas e horas, desfilaram tropas em Leningrado, Kazan, Tachként, Odessa, em todas as grandes cidades da Russia, do Mar

Negro ao Mar Branco, das fronteiras européas ás fronteiras asiaticas. Staline, o domador, quiz mostrar assim, aos seus milhões de escravos, que a sua guarda vermelha estava ali, para rondar as jaulas.

## **A fome da abundancia, molestia do mundo**

**A** civilização da quantidade attinge, agora, o grau do desespero. A machina acabou por absorver o homem, destruindo o fundamento racional das categorias sociaes, corrompendo o senso das hierarchias, absorvendo o individuo, que era a base de todo o systema da civilização christã. Entramos no crepusculo do machinismo feudal. Nessa nova cruzada do “cavallo-vapor” verifica-se, entretanto, um phenomeno singular. Os proprios barões e senhores que a organizaram, provocando os “trusts” e as grossas especulações de Bolsa, estão na imminencia de se confundir, tambem, nas interminaveis mesnadas humanas, trituradas pela servidão mecanista.

O signo do gotico de ferro domina o periodo moderno. Todos os elementos naturaes foram substituidos pelo producto mecanico. A

pedra e o marmore, que os nossos avós trabalharam, na porfia de seculos, passaram a subsidio dos metaes e são modelados pelo gume das laminas de aço, movidas a electricidade. A usina, o sillo, o arranha céu, o transatlantico, a aeronave abrigam milhões de sêres padronizados pelos syndicatos, pelas corporações, pelas sociedades trabalhistas. A revolução industrial inventou um Rei absoluto; o Estado collectivista.

O remedio violento de que lançou mão a democracia socialista, para defender as suas ultimas posições, em face do novo Rei nascido da machina, está apressando, talvez, a sua propria ruina. Para prolongar o regimen de um individualismo abstracto, para garantir a existencia do "cidadão", que é o seu principio metaphysico, a democracia criou o "standard of living", o dogma do conforto material, o chimismo das digestões reguladas "a priori", pela dosagem mathematica das calorias. Abandonando o luxo da eloquencia jacobina, a democracia, no proposito de salvar as suas queridas urnas eleitoraes, tornou-se esportiva, hygienica, e inventou, como derradeira arma defen-

siva, o monotono primado das “séries” A democracia transformou-se na apothose do catalogo. O cidadão, em troca de uma originalidade possivelmente perigosa, converteu-se em simples numero ordinal. Conforme seu padrão economico, elle se inclue na 1.<sup>a</sup>, na 2.<sup>a</sup> ou na 3.<sup>a</sup> classificação do “Standard” irremediavel. Poderá, então, habitar tal série de casas, vestir tal série de casemiras, calçar tal série de botas, viajar em tal série de vehiculos terrestres, aereos e maritimos, morar em tal série de bairros, comer tal série de alimentos, gosar de tal série de prazeres.

Para chegar a esse objectivo, de modo seguro e sem falhas, foi necessario empregar um formidavel aparelhamento. Alliada ao capitalismo das grandes industrias, a pique de sofrer enorme “crack”, sob a pressão de um extraordinario “stock de guerra” sem mercados para collocar-se, e temendo, logicamente, as consequencias de um “chômage” cada vez mais crescente, a democracia enveredou pelo caminho da super-produccão. Nos Estados-Unidos, na Allemanha, na Australia, na Inglaterra, no Canadá as fabricas se multiplicaram. Até

1928, o jogo dos empréstimos conheceu os lances de paradas imprevistas. O dinheiro americano e inglez, principalmente, era a melhor mercadoria, mercê dos interesses que produzia. E os mais fabulosos "stocks" se accumularam. Segundo a lei natural da gravidade economica, o capitalismo internacional, para sustentar a procura e manter os mercados consumidores, derramou pelo planeta sommas astronomicas.

Dado, porém, o rythmo acelerado da super-produção, a crise tornar-se-ia inevitavel. Pouco e pouco, num mundo anemiado pela rarefação de consideraveis mercados, como a Russia, a China e a India, sem referir os da maioria da America do Sul, empobrecida pela falta de confiança no tino administrativo dos seus dirigentes, começou a surgir a legião dos "sem trabalho". Forçadas a paralyzar a sua actividade, deante dos colossaes "stocks" accumulados e da progressiva diminuição da capacidade aquisitiva de quasi todos os paizes tributarios da industria das grandes potencias, as usinas principiaram a fabricar a toxina do "chômage" Em alguns annos apenas vinte milhões de individuos, pela primeira vez na



historia da humanidade, vinte milhões de individuos naturaes dos maiores Estados do Universo, entraram para a categoria dos párias sociaes.

O mundo morre de fome, por excesso de comida. Doze milhões de desoccupados, na União Americana, como fazia notar recentemente o presidente da Federação Operaria dos Estados Unidos, no seu appello ao sr. Hoover, pedem pão, deante dos armazens attestados de toneladas de trigo que não póde ser vendido nem abaixo do preço de custo. Na França, joga-se fóra a uva, a mesma uva que se compra, em Paris, a peso de ouro. No Brasil, atira-se ao mar o café. Na Australia, o carneiro vale menos que a forragem necessaria para o alimentar.

Será possivel, ainda, retornar á civilização da qualidade? Será possivel salvar o individuo, libertando-o da servidão do conforto? Será possivel trocar uma "Cadillac" voluptuosa pela humildade do espirito, na disciplina da criação? O Estado collectivista, fruto da democracia liberal, renova as experiencias de Fausto. **Francamente**, nossa alma valerá menos que um motor de explosão?

# **A technica administrativa e o estado moderno**

**A** organização do Estado, na America Latina, soffreu todos os males do ambiente moral e intellectual do primeiro quartel do seculo passado. A perigosa lição que nos herdou a Revolução franceza contribuiu, profundamente, para o acervo de erros e desatinos que distingue a nossa experiencia democratica.

Os caudilhos e os politicos inflammados que, dos desertos desolados do Mexico, ás selvas amazonicas e ás planuras pampeanas, varreram do continente os exercitos reaes das metropoles, libertando povos e creando patrias novas, transmittiram ás nossas gerações, através do tempo, certos prejuizos, enraizados na consciencia americana, determinados preconceitos de rara resistencia, que é mistér combater e destruir, com animo igual ao que im-

pelliu os soldados da nossa independencia contra as bandeiras reaes de Portugal e Castella.

A ideologia juridica, o lyrismo sociologico dos jacobinos foram, e continuam a ser, infelizmente, os fermentos activos do Estado latino-americano. Em cada cidadão deste novo mundo complexo reponta um "convencional" de 89. O amor aos grandes modelos das civilizações passadas obscurece-nos, muitas vezes, a visão directa da realidade.

Dess'arte, antes de procurarmos conhecer as nossas mais immediatas necessidades, antes de penetrarmos na substancia mesma da nossa psyché, inventamos todo um systema de leis inapplicaveis, ideamos codigos que se não ajustam ao nosso character e firmamos principios importados de outros povos, cuja indole abera da nossa.

De tudo isso, que resulta? A confusão e a indisciplina, a inquietude e a desesperança em que nos debatemos, ha mais de uma centuria. Experimentamos os mais oppostos e desconcontrados methodos, sem indagar, preliminarmente, da sua exequibilidade. Antes de conhecer a doença, entramos a discutir e a em-

pregar toda uma therapeutica estranha e complicada.

A historia politica da America do Sul confirma, nesse passo, os nossos assertos. No arcabouço da Bolivia ou do Paraguay, quizemos metter, á força, a massa poderosa da experiencia juridica e social das doutrinas germanicas ou anglo-saxonicas. No Equador ou na Venezuela plantamos as sementes do constitucionalismo norte-americano.

Ao invés de construirmos, com elementos proprios e de accôrdo com a nossa idiosyncrasy, o Estado brasileiro, argentino ou chileno, respeitando as suas differencias, os seus pendores e as diversas influencias humanas e mesologicas, architectamos, em linhas do mais lamentavel artificialismo, edificios inexpressivos da nossa cultura e da nossa indole. Fizemos, no afã de imitar, uma série de Estados sob medida exotica. E ficamos attonitos porque o feitio adoptado e o talhe do córte contrariavam, de modo singular, o molde natural que nos convinha.

Dahi surgiu a terrivel antinomia em que vivemos. Em face de um Estado perfeito está

um homem, que não o cômprende. Deante da machina delicada levanta-se o operario que não sabe manejal-a ou que a maneja não raro desastradamente. A exemplo dos seus principaes vizinhos, o Brasil inverteu o problema capital do seu desenvolvimento. Aqui, por mal da nossa formação espiritual, traçamos regras politicas antes de cuidarmos attentamente da administração, e procuramos nas discussões estereis de agora a solução dos problemas economicos e financeiros

Precisamos emendar quanto antes a mão. Das boas finanças e da economia intelligente é que depende a melhor politica. Organize-mos o nosso paiz administrativamente. Só os povos bem organizados têm direito a viver na paz e na prosperidade.

## **○ Plano Quinquennal. Os Soviets na engrenagem capitalista**

**D**esde 1926, até agora, os Soviets fizeram, á industria allemã, encommendas no valor de 500 milhões de marcos. As letras que elles assignaram, para garantir as negociações, — e que foram avalizadas pelo governo do Reich — começaram a vencer-se em abril d'este anno. Excusa referir que ellas não foram pagas. Resultado: os bancos appellaram para o Estado. Sabe-se o resto: grito de socorro do marechal Hindenburg ao presidente Hoover, suspensão das reparações, conferencias de Londres, de Paris e de Berlim, reunião dos peritos do Banco Internacional de Reajustamento, etc. O Reich prepara-se para pagar, em logar dos Soviets, as letras vencidas, na importancia, actualmente, de 150 mlihões de marcos, ou cerca de 900 milhões de francos.

A especulação internacional, em crescente ascensão depois da estabilização da libra, em 1925, e do franco, em 1926, aproveitou a innocencia dos planos de industrialização da Russia, para realizar a mais desabusada jogatina de que ha memoria no universo. Nenhum paiz da Europa conseguiu escapar aos torvelinhos dessa impetuosa corrente. Os proprietarios francezes, tão escarmentados com as suas experiencias moscovitas, que lhes custaram, mercê da bancarrota tzarista, 27 milhões de francos, ou sejam, hoje, com juros e interesses, cerca de 300 bilhões, os proprios francezes contribuíram, indirectamente, para os perigosos riscos da empresa. Pois o dinheiro que elles emprestaram aos inglezes, depois de passar aos bancos allemães, correu para os bolsos de Staline. Até os pequenos paizes da Europa Central, deante dos altos juros offercidos por Moscou, emprestaram as suas economias aos bolchevistas.

A miragem do Plano Quinquennal deveria transformar a U.R.S.S., dentro de um lustro, em uma replica europeá dos Estados Unidos da America. A velha Russia agricola e pasto-

ril, a velha Russia dos “mujicks” e dos “cosacos”, nutrida pelos capitaes de Nova York, de Londres, de Berlim e de Paris, substituiria as suas florestas de pinheiros por outras tantas florestas de torres e chaminés de usinas e altos fornos.

Staline organizou, com a pericia de um general do antigo estado-maior de Kaiser, o seu plano de batalha, baseando-o nos emprestimos estrangeiros e nos fabulosos lucros da sua balança commercial. Em troca de toros de madeira, de gazolina, trigo, centeio, linho, carnes, em troca dos productos da terra ella receberia os machinismos de toda a sorte que abarrotavam os depositos das fabricas da Allemanha, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Para manter esse rythmo, dentro do prazo prefixado, necessitava a Russia, porém, de uma confiante e doce tranquillidade economica, de uma esplendida saude financeira no resto do mundo. Para que se aparelhavam os bolchevistas nas industrias? Naturalmente, para destruir, pela mais desenfreada concorrência, as fontes de riqueza dos Estados capitalistas.



Mas o “dumping” é uma esplendida arma, quando o seu uso não transcende os limites do real. Enquanto os communistas encontraram facilidades financeiras e mercados consumidores, o “dumping” produziu optimos resultados. Chegou, todavia, o momento da saturação e da carencia de credito e de moedas. Retrahiram-se os compradores, fecharam-se os mercados por falta de numerario, desapareceram os especuladores, varridos pela crise fatal de desconfiança. E a Russia atravessa, neste instante, o seu “quarto de hora de Rabelais”

Se o Plano Quinquennal não fosse contrariado pelo irremediavel relativismo da realidade, os Soviets poderiam fazer face, mais ou menos, aos reclamos das duras contingencias. Mas o Plano mirifico abortou. Na hora dos pagamentos, Moscou tem os cofres vasio. Seus diplomatas, formados nos segredos do antigo regimen, voltam os olhos para a França e para os Estados Unidos. Entretanto, para se entenderem perfeitamente com os banqueiros americanos e parisienses, falta-lhes o essencial: a capacidade de pagar as dividas.

As boas contas fazem os bons amigos. Staline, certamente, estará pensando que a moral dos proverbios não é simplesmente devaneio de philosophos. Presa, na engrenagem do capitalismo, a Russia não faz boa figura. Na hora do “salve-se quem puder”, os lobos se arrimam ás ovelhas e os generaes fogem com os mais humildes cabos de esquadra.

## **O congresso da população em Roma e o futuro da Europa**

**D**eante das conclusões pessimistas dos sábios reunidos no Congresso da População, que se reuniu, em 1931, em Roma, todas as theorias malthusianas ficam seriamente abaladas. Ao revés do que assoalhava o precursor da “economia uterina”, a humanidade não cresce geometricamente e o perigo tragico das grandes agglomerações humanas, morrendo de fome e irremediavel miseria, por falta de alimento e condições de hygiene elementar, num mundo saturado de habitantes, parece uma fantasia dramatica de Malthus. Isso é o que se depreheende, pelo menos, de varias communicações, lastreadas de estatisticas e calculos minuciosos.

Corroborando os luminosos estudos do sr. Félix Vieuille, no “Bulletin de la plus grande famille”, e retomando as suas pesquisas, nesse

sentido, o sr. Fernando Boaverat, vice-presidente do Conselho superior francez da natalidade, apresentou, em Roma, dados curiosissimos sobre o assumpto. Baseando-se, particularmente, nas pesquisas engenhosas do dr. Burgdoerfer, director da administração de Estatistica do Reich e do sr. Corrado Gini, o technico francez conclue que, desde já, alguns paizes da Europa se encontram em estado de “despovoamento virtual”

Pondo de lado as tabellas e as cifras, diz elle, em resumo, ser “facil comprehender que se o nivel real (em contraposição ao nivel bruto) da natalidade (abrangendo o numero das mulheres na idade normal da fecundidade, isto é, entre 15 e 45 annos) é, hoje, na Allemanha, de 14,8 por 1.000, enquanto o nivel da mortalidade attinge 17,4 por 1.000, pode-se verificar, “prima facies”, que a população do Reich está, presentemente, em estado de virtual decrescimo. O que ainda mascara o phenomeno é o numero consideravel de adultos de ambos os sexos, mas, se a natalidade diminue, o numero desses adultos forçosamente determinará um decrescimo, em proveito dos ve-

lhos; e, augmentando, proporcionalmente, o co-efficiente de velhos, é natural que se eleve o nivel da mortalidade”

No seu relatorio, submettido ao apreço do Congresso de Roma, o dr. Burdgoerfer apresenta um quadro, segundo o qual, suppondo-se que se mantenha o nivel actual da natalidade, “a população allemã, que é, hoje, de 64.698.000, attingirá um maximo de 69.760.000 habitantes, em 1960, para baixar a 66.746.000 no anno 2.000. Mas, se se verifica a hypothese de um declinio total, no proximo periodo de 25 annos, quer dizer em 1955, de 25% na fecundidade das mulheres na idade da procreação, — então o maximo da população allemã attingirá, em 1945, 61.702.000 habitantes, para começar a cahir, desde o anno seguinte, na progressão de 500.000 habitantes por anno, até chegar á cifra de 46.891.000, no anno 2.000”

Commentando esses calculos, refere outro especialista, o sr. Henri Brenier, que taes conclusões pessimistas se applicam, por igual, a outros paizes da Europa, entre os quaes, a França, a Inglaterra, a Suissa, a Austria, a Hungria, a Noruega, a Dinamarca, a Belgica, etc. A Italia, a Russia, a Hespanha e Portu-

gal parecem, até agora, em melhor situação. Quanto aos Estados Unidos uma comunicação do sr. P. K. Whelpton, collaborador da "Scripps Foundation for reserarch in Population problems", mostra que a população norteamericana, consoante as estatísticas mais exactas, se elevará, até 1970, a 144.600.000, para começar a declinar, a partir dessa data, de 1.700.000, nas décadas subsequentes. A queda será, depois, mais acelerada. O sr. Whelpton, entretanto, não estabelece o nível preciso dessa diminuição.

Em face dessas previsões, feitas pelos technicos mais notaveis da Europa, ficarão de pé as estimativas generosas do nosso serviço de Estatística, em relação ao Brasil? Nossa população attingirá mesmo 240.000.000 de almas, em 1990? Ou conheceremos, tambem, os vertiginosos declinios da Europa e dos Estados Unidos da America? O nosso crescente "melting-pot" terá o privilegio de nos libertar dessa ruina, dessa catastrophe terrivel de seres humanos? Porque, deante dos formidaveis e incessantes indices da China e da India, parece evidenciar-se o facto da decadencia ge-

nesica das raças brancas, por todo o planeta. Enquanto os amarelos e os negros se multiplicam, os “aryanos” se volatilizam. O cerebro do homem branco será, afinal, vencido pelo ventre das asiaticas e das africanas? A natureza, por vezes, vingá-se cruelmente dos prophetas. A lei de Malthus será pura allucinação?

## **⓪ materialismo economico contra a civilização**

**S**ir Montagu Norman, governador do Banco de Inglaterra, e o sr. Snowden, que ameaçou a França, durante os complicados jogos do Plano Young, com o seu pesado tacto de campeão das finanças internacionaes, estão conhecendo, agora, o amargor de uma verdadeira crise sul-americana no Thesouro de Sua Magestade Britannica. Os processos empregados pelo socialismo, para esticar o dinheiro e transformar miserias fracções em brilhantes unidades, corroeram, como acidos violentos, o bom metal da libra esterlina. E essa moeda aristocratica, cheia do nobre orgulho da sua linhagem secular, essa moeda que repellia, sobranceira, a convivencia dos padrões proletarios, acaba de tomar assento na fragil barca do peso argentino, do sol peruano e do mil reis brasileiro. A libra perdeu a gravata de **sêda** e o re-



ceio de que ella se encontre, brevemente, em mangas de camisa, faz embaciar os monoculos dos Lords.

O "gold standard", o "standard of life", a nossa quebradiça "estabilização", em summa, todas as invenções do honrado e curto materialismo economico, para instituir a metaphysica da felicidade, baseada no prazer voluptuoso do conforto barato e universal, voltaram-se, de repente, contra os seus credores. O preconceito do liberalismo democratico, inspirador das guerras e das grandes especulações de Bolsa, revelou-se o peor inimigo da liberdade humana.

A burguezia européa chora o fim do regimen capitalista. E as cellulas communistas de Londres, de Paris e de Berlim exultam. Mas, oh! engano teimoso e cego, onde está a panacéa bolchevista? Staline é o ultimo herdeiro do capitalismo. O regimen de Moscou, longe de ser um novo passo para a liberdade, é o derradeiro esforço que a ideologia do seculo XIX tenta, para evitar a catastrophe de todas as esperanças dos seus prophetas. A technica marxista, filha da revolução franceza, é um

espectro retardatario, que diverte e fascina os snobs, espantados ante as musculaturas selvagens dos "mujicks" de Vorochiloff.

O desmoronamento subito do "gold point" está produzindo, entretanto, um effeito inesperado, que pode ser salutar. A Europa terá comprehendido, afinal, que a segurança do seu patrimonio de cultura e substancia moral transcende a rhetorica florida e cruel da Sociedade das Nações, dos discursos pacifistas de Lord Cecil, do sr. Briand e de toda uma legião de chinezes, egypcios, turcos e guatemaltecos eloquentes?

O perigo é um poderoso agente de sociabilidade. Quando o navio está á mercê das ondas, os inimigos se reconciliam para auxiliar a manobra dos escaleres de salvamento. Como na parabola biblica, o lobo e o cordeiro se re-unem. A visita do sr. Laval a Berlim tem, nesta hora, um aspecto de parabola. Allemães e francezes terão coragem sufficiente para, esquecidos de suas disputas de phariseus, applicar, em commum, o breu, o betume e o alcatrão aos rombos do barco europeu?

Depois da crise da libra, sente-se um prenuncio de allivio na atmospheria das relações franco-germanicas. E o convite do sr. Hoover irisou, hontem, com um raio de sol furtivo, o céu do velho mundo. A imprensa do "Reich", tão valente emquanto estava atufada a escarcella de John Bull, mudou o diapasão de suas symphonias. O ouro da França é uma credencial de força ainda intacta. Os jornaes da Alemanha começam a reflectir essa verdade. Eis a linguagem da "Gazeta de Colonia":

"Aquelles que, por certas razões de sentimento, repellem qualquer tentativa de aproximação, fingem não vêr, ou não querem vêr que o destino da Europa está, neste momento, nas mãos da França. Onde o paiz capaz de subtrahir-se ás suas vontades? Não ha mais nem um, depois da crise economica ter paralyzado a Inglaterra. A fraca Alemanha, menos do que outro qualquer, estaria no caso de desempenhar esse papel. A marcha contra a França seria a marcha para a ruina, e poderiamos mesmo perguntar se tal ruina seria heroica"

A “Berliner Tageblatt”, com toda a sua autoridade tradicional, então egual e significativa ladainha:

“Sabe-se que a França não dá o seu auxilio senão em troca de concessões politicas. Eis ahi um facto que a Allemanha deverá aceitar. Em consequencia, esperamos, com particular interesse, a viagem do presidente do Conselho francez a Berlim. Ella se annuncia num momento imprevisto, que não póde senão augmentar, de ambos os lados, o desejo de um entendimento. Paris tornou-se o centro da economia universal e, por isso, da politica mundial. E’ mistér não esquecer isso, nas decisões de ordem politica que deverão tomar-se, entre nós, proximamente”

Da sinceridade desses conceitos depende o futuro da humanidade. Unidas, no mesmo proposito realista e pratico, a disciplina germanica e a razão franceza poderão, talvez, determinar a guinada salvadora, que afaste dos arrecifes, já á vista, o barco da civilização.

# **A crise economica e o desapparecimento do Anschluss**

● accordo austro-allemao está a pique de ser condemnado pelo Tribunal de Haya. Nas condições actuaes do mundo, a mais subtil diplomacia politica e a melhor inspirada nas tradições do seculo XIX, não resiste ao **rythmo catastrophico** das necessidades economico-financeiras. O Rei não governa mais a moeda. A Moeda é o rei.

Genebra parece haver acordado de um somno reparador. Na presente reunião do Conselho, os differentes delegados das grandes potencias, em suas conversas, em suas nervosas consultas, dão-nos a impressão nitida de especialistas inquietos deante de um complicadissimo caso clinico. A Liga das Nações parece transformada numa junta medica. O "Anschluss" é a entidade morbida que está em exame. A vaccina de Curtius, destinada a re-

animar, pela transfusão do sangue austriaco, o enfraquecido organismo germanico, revelou-se, ao menos por emquanto, um perigoso producto pharmaceutico. A exemplo da insulina nos primeiros tempos os doutores internacionaes receiam o seu emprego. A vaccina de Curtius pôde curar um pequeno mal incipiente, mas pôde tambem, destruir o paciente, que, no caso, é o sonho do Grande Imperio Allemão, senhor de uma nova "Mitteleuropa"

Como sempre succede, a imprensa allemã não se conforma com o desastre do plano da Wilhelmstrasse. A "Deutsche Allgemeine Zeitung" observa que se attribue o fracasso á situação economica da Europa. O orgão representativo dos grandes syndicatos industriaes, que tanto apoiou o "Anschluss", volta-se agora contra o governo, accusando-o de inhabilidade, tibieza e indecisão. O abandono do governo austriaco, em taes emergencias, afigura-se-lhe imperdoavel:

"A Austria submete-se á direcção de um amigo mais poderoso, confiada na sua força e no seu prestigio no Conselho de Genebra. Para realizar essa politica austro-allemã, o Reich

quiz repousar na sua força. E' elle o unico responsavel pelo desenlace. Da união aduaneira ao "controle" financeiro eis o caminho percorrido pela politica exterior da Allemanha, no espaço de alguns mezes, mercê de se haver arriscado em uma grande acção, com absoluto desconhecimento das realidades politicas.

O sr. Curtius, entretanto, não perdeu a esperança de salvar o seu plano, mau grado os obices formidaveis do momento. O ardiloso ministro conhece os mares da politica europeá, como o prudente Ulysses os estreitos, os cabos, as pontas e os archipelagos da Odysséa. O "Anschluss" vae surgir, d'oravante, com outra bandeira menos particularista. E' o que nos diz o correspondente da "Vossische Zeitung", em Genebra:

"O sr. Curtius, ministro dos Negocios Estrangeiros, tem a intenção de formular officialmente ao Comité de estudos para a União Europeá, que se reúne em Genebra a 3 de setembro, algumas declarações esclarecedoras, antes da questão aduaneira austro-germanica ser tratada no Conselho, e logo que se conheça a sentença da Côrte de Justiça.

“O governo allemão, neste momento, está no proposito, já manifestado, de realizar a reunião aduaneira sobre base mais larga, comprehendendo a Austria e outros paizes. Negociações preliminares estão sendo feitas, nesse sentido. Eis porque o sr. Curtius pedirá á Commissão Européa que adie, agora, a discussão minuciosa do plano germano-austriaco. Essa proposta visa evitar o perigo de uma deliberação definitiva, por parte da Sociedade das Nações, acerca da sentença arbitral de Haya”

O referido jornal de Berlim commenta, dess'arte, o communicado do seu “informadissimo” correspondente: “Desde que as grandes potencias européas chegaram, penosamente, a reconhecer que as fronteiras economicas não podem ser identificadas com as fronteiras politicas, e que uma communhão pan-européa existe, de facto, ficou perfectamente esclarecida a procedencia das negociações germano-austriacas, para o estabelecimento de um territorio economico commum” Esse “territorio” restricto, segundo a “Vossisch Zeitung”, seria a imagem reduzida do grande “territorio economico” da Pan-Europa.



Em verdade, bem medidas e pesadas as condições do velho mundo, o “Anschluss” é um passo para transformar a panacéa dos Estados Unidos da Europa em qualquer coisa de concreto e de possível. Já alguns francezes avisados, no meio dos clamores e das vociferações de jacobinos e nacionalistas extremados, reconhecem a utilidade desse instrumento. Se as grandes potencias não facilitarem a organização da “Mitteleuropa”, num bloco solido e pacifico, os germens de conflictos proximos e inimaginaveis se exacerbarão, outra vez, nesse cadinho de guerras que, do Danubio, se estende ao Mar Negro, ao Bosphoro, e ao Adriatico, e os Balkans accenderão, de novo, a fogueira européa. O sr. Curtius fala pela bocca de Minerva. Mas, até hoje, ninguem acredita em Ulysses. “Timeo danaus”

## **A Racionalização, o Syndicalismo e o Indivíduo**

**N**as suas desesperadas reflexões sobre a decadência da cultura classica, verifica Berdiaeff que o individuo, como expressão d'aquelle humanismo do Renascimento, está desaparecendo rapidamente, absorvido pela civilização da quantidade. O "rythmo catastrofico" do machinismo impelle o homem para uma "nova Idade-Média" Uma idade-média sem Deus, regida pelo collectivismo. Uma idade-média em que o principio activo, gerador das communhões sociaes, não é mais a fé no dogma da moral divina, senão uma simples regra mathematica para dividir, do modo mais homogeneo, a riqueza material entre os homens. Dess'arte, as corporações hodiernas, ou melhor, os syndicatos, constituem-se, não para produzir o artifice e a obra-prima como as suas congeneres medievaes, mas para realizar um "standard of living" puramente ~~sensorial~~.

Como tantos outros espiritos inquietos, em face do mundo actual, Berdiaeff prevê o eclipse irremediavel do “homem natural”, segundo o christianismo e a sua substituição pelo “homem social”, pelo homem pertencente a uma categoria predeterminada. Parece ao philosopho russo que os methodos, cada vez mais imperiosos, da “racionalização” devem accelear a decadencia do “individuo” Oriunda do allemão “Rationalerung”, a palavra “racionalização exprime um “systema de organização economica, tendente a provocar um accrescimento do bem-estar nacional pelo abaixamento de preços e o augmento da quantidade e da qualidade dos productos disponiveis”

A introdução desse processo, ao revés do que affirmam alguns observadores superficiaes dos phenomenos economicos, não é tão recente quanto se propala. Elle não é apenas uma consequencia do machinismo, um detrito da revolução industrial. Já o mundo antigo o conheceu, sob o aspecto das castas, das corporações, das communas. Toda a obra methodologica de Taylor e de Fayol é um claro exemplo de “racionalização” Le Play e Fustel de

Coulanges, cuja lição se prolonga nas observações de Le Chatelier, de Fréminville, Dalbouze e da senhora Gina Lombroso Ferrero, puderam demonstrar que o segredo da “economia franceza” se encontrava na intelligencia da “epargne” domestica. Sem saber, a dona de casa, na cidade, como o pequeno proprietario, no campo, e o pequeno commerciante, na aldeia, praticaram, desde tempo remoto, a “racionalização” Guardar o terço da renda liquida, para melhorar a qualidade e augmentar a quantidade dos bens materiaes, é “racionalizar” espontaneamente os meios da existencia social.

A terrivel crise economica do momento não é consequencia de um excesso de “racionalização”, mas, seguramente, da insufficiencia ou deficiencia do seu emprego. A multiplicação exaggerada das usinas, decorrentes da guerra e do perigoso empirismo industrialista, gerado entre 1914 e 1922, foi a causa primordial da inquietação contemporanea. A machina produziu dois erros de repercussão incalculavel: 1.º — uma noção anti-natural da riqueza, que se inscreve neste axioma barbaro:

a quantidade abaixa os preços, logo, é mistér produzir muito para tornar facil a vida; 2.º — uma noção anti-natural da felicidade, que se inscreve neste axioma, ainda mais barbaro: a saude do corpo é o primeiro dos prazeres do espirito, logo, o homem precisa de conforto material para ser feliz.

A metaphysica mecanista lançou os germens desse economismo do desespero, que, por falta da justa comprehensão do valor da machina, no seculo XIX, tentou converter cada Bulgaria, cada Suissa, cada Republica sul-americana em uma replica da Grã-Bretanha. Nem a Inglaterra, no seculo passado, nem os Estados Unidos, neste, poderão servir de modelo aos theoristas da super-produção industrial. Não foi a machina, por si mesma, que fez a riqueza britannica. Foi, sobretudo, a exploração privilegiada, o monopolio dos mercados do Novo-Mundo, da Asia e da Africa, durante os ultimos annos do seculo XVIII e o primeiro quartel do seculo XIX. Emquanto Paris e Berlim, Varsovia e Vienna, Roma e S. Petersburgo, Lisboa e Madrid se agitavam e se consumiam no incendio das revoluções e das

guerras, Londres fazia-se herdeira do resto do mundo. A bandeira inglesa cobria todas as transacções e varria dos mares os pavilhões de Castella e as aguias napoleónicas. A batalha de Trafalgar foi a melhor operação de Bolsa até hoje feita pelo Imperio Britannico.

Da mesma sorte, os Estados Unidos não offerecem exemplo digno de seguir-se. Seu extraordinario "standard of living" foi o fruto da guerra, dos mercados repentinos que a furia dos campos de batalha impoz aos paizes productores, fóra da zona do conflicto. Dahi proveio o mytho do industrialismo desmedido. Não foi, portanto, a "racionalização" que determinou o "chômage", mas o desequilibrio entre uma produção crescente e um consumo decrescente.

Para obviar esse mal, que ameaça destruir os fundamentos da civilização e a ordem universal, os peritos europeus e norte-americanos recommendam ás grandes potencias o remedio da "racionalização" praticada em pequena escala; inspirando-se no facto de que as industrias mais prosperas são as dos paizes que, á guisa da França, não possuem grandes usinas.

O exemplo de Paul Rodier, organizando cooperativas dirigidas por chefes industriaes, e o das industrias lyonezas, articuladas em nucleos de pequenos proprietarios, commerciantes e obreiros, solidarios entre si, são os que mais se apontam, hoje, para a convalescença da crise economico-financeira da Europa e dos Estados Unidos. O plano quinquenal corresponde, assim, á ultima e desconsolada miragem da civilização machinista. Sua fallencia, como a todos os systemas de socialismo materialista, importa no reconhecimento de que a felicidade não é a riqueza. Deus é o limite do homem. Sob esse signo promissor, entramos no crepusculo de uma idade historica.

# **0 Super-Capitalismo**

## **Bolchevista**

**D**epois de treze annos de experiencia comunista, feita “in anima nobilis”, em detrimento da propria substancia humana, com o sacrificio doloroso de todo o patrimonio da cultura occidental, os observadores dos meandros da politica universal conseguiram chegar a esta conclusão espantosa: o Governo Bolchevista é a incarnação do mais desesperado capitalismo. As cinzas de Lenine se inflamarão, um desses dias, na sua cripta de Moscou, e, do seu poderoso cerebro, o impossivel sonho marxista explodirá em lavas de revolta e maldição.

Já as prophecias de Trotzki, em suas “Memorias”, se convertem em formulas exactas da realidade. De facto, ante as monstruosidades provocadas pela execução do Plano Quinquenal, ninguem, de bôa fé, poderá duvidar mais



de que a dictadura do proletariado seja a simples mascara de um formidavel jogo de bolsa, secretamente auxiliado pelos magnatas da alta finança, que se divertem nos seus castellos inglezes, constroem arranha-céus em Nova York e Chicago, compram acções de companhias de navegação e estradas de ferro na America do Sul, na Asia e na Australia.

Staline ultrapassou, no seu faro de especulador sinistro, as combinações mais subtis, os calculos mais impudentes da aristocracia israelita da Europa. Não julguem os leitores apressados que os nossos commentarios são fruto de odio burguez ou artigo de encomenda, méra peça de engrenagem do systema de ~~contra~~propaganda conservadora. Basta um minuto de raciocinio desinteressado, livre de qualquer paixão partidaria, para convencer um homem de boa vontade, para convencer o mais exaltado marxista de que não ha exaggero em nossas conclusões.

Senão, vejamos. De que argumentos se serviam os apóstolos de Marx e Engel para combater as democracias capitalistas? Da escravização do homem á machina, da compressão

militarista, da absorção do individuo pelos barões feudaes da industria, dos trusts e dos bancos, da suppressão da liberdade politica, transformada em instrumento cégo do poder.

Segundo os prophetas da grande reforma social, o mundo só se transformaria, a humanidade só seria feliz, quando reinassem os mandamentos da Biblia do Trabalho, de onde se derramariam, aos quatro ventos, as sementes da idade de ouro. O marximalismo, triumphador na Russia, foi recebido pelas esquerdas revolucionarias como o signal precursor do rapido estabelecimento, por todo o planeta, dos governos da egualdade, da liberdade e da fraternidade. O poder publico deixaria de constituir o privilegio de meia duzia, para se fraccionar em tantas parcellas quantas representassem os habitantes de um paiz. Os exercitos e as esquadras desapareceriam. A propriedade seria commun. O trabalho seria, como nos cantos de Hesiodo, uma disciplina de alegria. O governo seria uma communhão.

Staline, espertissimo e pratico, desde o desaparecimento de Lenine, comprehendeu perfeitamente que a nova astronomia social

conduziria o mundo a um estado de gazeificação proximo da nebulosa. E, como não lhe era facil reagir, dentro da realidade, aceitou solertemente as imposições irremediaveis desta, sob o disfarce das formulas communistas. Começou por destruir, desde logo, os restos de uma elite, ainda emergentes do cataclismo de outubro. Para reinar commodamente, supprimiu o espirito. A linguagem das typographias, na União das Republicas Sovieticas, é uma só. Todas “falam bolchevista” O livro, o jornal, qualquer especie de papel impresso participa do dogma stalinista. O dictador reduziu a Russia a uma tenue minoria, sob a sua tutela. Tão mesquinha é, hoje, a minoria governamental, que a “minoria tzarista” seria, em confronto, uma enorme população.

Mas não se se satisfez com essas primordias medidas. Para remediar o cháos financeiro e economico, para juntar o ouro necessario á manutenção da sua dictadura, ameaçada de ruir por falta de numerario, Staline lançou mão de um alvitre digno dos persas e dos chins do Celeste Imperio. Como não lhe era possivel realizar transacções ostensivas com

a alta finança ingleza, americana e franceza, alliou-se a ella, subrepticamente, de um modo singular: recebendo do Reich os milhões que Londres e Nova York enviavam a Berlim, a juro alto, e a Allemanha lhe emprestava, para fins economicos e politicos, a juros ainda mais altos. Esses milhões foram empregados, na quasi totalidade, no armamento do exercito vermelho, cujos officiaes e soldados gozam de favores excepcionaes e de privilegios semelhantes aos dos membros do G.P.U. e do governo dictatorial. Protegido por esse formidavel "escudo armilar", Staline tenta salvar o poder e a pelle, á custa das mais crueis imposições, á custa da carne e do sangue do povo russo. O Plano Quinquennal de cuja fallencia ninguem duvida hoje, mau grado o fogo de artificio de Moscou e dos beocios que o applaudem, representa a escravização de cerca de nove decimos da população russa. O Plano de Staline baseia-se no mais perigoso "dumping" de que ha noticia. Para prolongar-se no poder, o dictador, que habita o palacio dos Tzares e come na baixella dos Alexandres e de Nicolau, revogou todas as leis de Lenine e, o que é mais

extraordinario, todos os "ukases" imperiaes sobre as liberdades do operariado citadino e rural. Nas florestas, abatendo arvores para o "dumping" da madeira, nos campos, plantando e colhendo trigo, centeio e aveia, para o "dumping" dos cereaes, nas fabricas, rebatendo o ferro, o aço, trançando o fio de sêda, o fio de algodão, e o fio de lã, para o "dumping" industrial, o operario russo (consultem-se os ultimos decretos de Staline, regulando a produçãõ) não tem horas certas de trabalho. Não come nem repousa. Não dorme quasi. Doze, quatorze horas de labor intenso, junto ás fornalhas ou debaixo da neve, entre os pinhaes da fronteira finlandeza, o homem russo esgota as suas ultimas resistencias phisicas, muitas vezes separado á força da mulher e dos filhos, como os africanos da éra colonial, para enriquecer um regimen de espoliadores, socios do mais desenfreado capitalismo.

Staline tem fome de ouro. Mas a sua dictadura armada, que incendeia os originaes e os retratos de Tolstoi e obriga a intelligencia a vestir a tunica bolchevista, está fadada ao

mallogro, porque não repousa no espirito mas nas exigencias do estomago e do baixo ventre dos soldados vermelhos. Quando faltar carne fresca, como se comportarão os martyres do bolchevismo?

*Este livro foi composto e impresso na Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xavier de Toledo, 72 São Paulo - Brasil, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 24-A/30, em Julho de 1935.*







***Empresa Gráfica da  
"Revista dos Tribunais"  
Rua Xavier de Toledo, 72  
São Paulo - Brasil - 1935***

# C

## ULTIMAS EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 24-A/30 • SÃO PAULO

### Viaçens

- Vol. 1 — *Monteiro Lobato* — AMERICA (2.a edição). 6\$000
- Vol. 2 — *Nelson Tabajara de Oliveira* — SANGHAI (2.a edição) . . . 6\$000
- Vol. 3 — *Caio Prado Junior* — U.R.S.S., UM NOVO MUNDO (2.a ed.) 6\$000
- Vol. 4 — *Nelson Tabajara de Oliveira* — JAPÃO . . . . . 6\$000
- Vol. 5 — *René de Castro* — EUROPA INQUIETA. . . . . 6\$000
- Vol. 6 — *Lider Sagen* — DINAMARCA (edição ilustrada) . . . . . 6\$000
- Vol. 7 — *Ribeiro Couto* — CHÃO DE FRANÇA . . . . . 6\$000
- Vol. 8 — *Nelson Tabajara de Oliveira* — O ROTEIRO DO ORIENTE
- Ronald de Carvalho*  
ITINERARIO . . . . . 5\$000
- Ronald de Carvalho*  
CADERNO DE IMAGENS DA EUROPA . . . . . 6\$000

### Ensaio e romances historicos

- Alcibiades Delamare* — VILLA RICA (edição ilustrada). 10\$000
- Paulo Setubal* — O ROMANCE DA PRATA (edição ilustrada) . . . . . 6\$000
- Paulo Setubal* — O SONHO DAS ESMERALDAS (ed. ilustrada) . . . . . 6\$000
- Paulo Setubal* — AS MALUQUICES DO IMPERADOR (4.a edição) . . . . . 6\$000

### Literatura Brasileira

- José Americo de Almeida* — COLTEIROS (2.a edição) . . . . . 6\$000
- Helio Lobo* — NO LIMIAR DA ASIA, A U. R. S. S. . . . . 6\$000
- Carolina Nabuco* — A SUCESSORA . . . . . 6\$000
- Endas Ferraz* — UMA FAMILIA CA-RIOCA . . . . . 6\$000
- Julia Lopes de Almeida* — PASSA-RO TONTO. . . . . 5\$000
- Oswaldo de Andrade* — A ESCADA VERMELHA . . . . . 5\$000
- João Luso* — ALEGRIA E TERNU-RA . . . . . 6\$000

### Brasilliana

- Vol. XXXIX — *E. Roquette Pinto* — RONDONIA (3.a edição augmentada e profusamente illustrada) 15\$000
- Vol. XL — *Pedro Calmon* — ESPIRITO DA SOCIEDADE COLONIAL (edição illustrada) . . . . . 10\$000
- Vol. XLI — *José Maria Belle* — INTELIGENCIA DO BRASIL. . . . . 8\$000
- Vol. XLII — *Pandá Cologras* — FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL (2.a edição com 3 mapas fóra do texto) . . . . . 15\$000
- Vol. XLIII — *A. Saboia Lima* — ALBERTO TORRES E SUA OBRA . . . . . 8\$000
- Vol. XLIV — *Estevão Pinto* — OS INDIGENAS DO NORDESTE (edição illustrada) . . . . . 10\$000
- Vol. XLV — *Basílio de Magalhães* — EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL COLONIAL (2.a edição augmentada) . . . . . 12\$000

### Philosophia

- Will Durant* — HISTORIA DA PHILOSOPHIA — A Vida e as Idéas dos Grandes Philosophos (tradução de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato) . . . . . 15\$000

### Biographias

- Alberto Rangel* — GASTÃO DE ORLEANS — O Último Conde D'Eu (edição illustrada). 12\$000
- Cliford Whittingham Beers* — UM ESPIRITO QUE SE ACHOU A SI MESMO . . . . . 10\$000

### Sociologia

- Fernando de Azevedo* — PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA. . . . . 15\$000

### Discursos e Conferencias

- Martinho Nobre de Mello* — RUMO DO BRASIL . . . . . 10\$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).